

**FACULDADE SÃO BENTO**

BLENER DOMINGUES

**SACRAMENTOS DE INICIAÇÃO A VIDA CRISTÃ**  
IGREJA E GRAÇA

SÃO PAULO - SP  
2017

BLENER DOMINGUES

**SACRAMENTOS DE INICIAÇÃO A VIDA CRISTÃ**  
IGREJA E GRAÇA

Monografia, apresentada a Faculdade São Bento, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Domingos Zamagna

SÃO PAULO - SP  
2017

BLENER DOMINGUES

**SACRAMENTOS DE INICIAÇÃO A VIDA CRISTÃ**  
IGREJA E GRAÇA

Monografia, apresentada a Faculdade São Bento, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Teologia.

São Paulo, 14 de Dezembro de 2017

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Domingos Zamagna  
Orientador

---

Prof. Sérgio Alejandro Ribaric  
Examinador

---

Prof. José Luiz Viola Palata, OSB  
Examinador

A Igreja Católica Apostólica Romana, que urge por uma Nova Evangelização, para que cumpra seu papel de Ir a Todos, envolvendo Tudo, batizando-os em Nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.

Quero também homenagear com esse Trabalho, a V Conferência de Aparecida, do episcopado Latino Americano e Caribenho que neste ano completou 10 anos de seus trabalhos, propondo um caminho de vivência dos Sacramentos como fonte de muitas graças para a Igreja.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer pessoalmente e carinhosamente todas as pessoas que contribuíram de maneira direta e indireta para a formulação deste Trabalho de Conclusão de Curso. Infelizmente, essa ação não é possível, levaria anos de encontros com pessoas que desde a minha infância, de algum modo, atingiram a minha existência, e contribuíram para minha vivência nos Sacramentos e na formação de uma comunidade que busca a verdade, as quais fomentaram esse trabalho.

Considerando essa impossibilidade, manifesto minha gratidão de maneira particular àqueles que influenciaram mais veementemente na formulação deste trabalho.

A Deus, fonte de toda sabedoria, fonte de toda ciência, fonte de toda existência, fonte de todo amor. Sem Ele eu nada seria, sem o seu amor minha vida não teria sentido, sem a sua misericórdia eu seria um homem entregue ao nada.

À Imaculada Virgem Maria, espelho de santidade e minha mãe celestial. Graças a sua doçura materna tive forças para continuar o caminho rumo ao calvário. Graças ao seu amor e ao seu sim, pude contemplar um Cristo crucificado e ressuscitado.

À Santa Igreja Católica Apostólica Romana, mãe e mestra, possuidora de toda economia da salvação, zeladora da verdade atemporal. Através dela me tornei um membro de Cristo, e graças ao seu zelo pela verdade pude encontrar pessoalmente por Aquele que por minha alma tanto anseia, o Cristo!

À Ordem dos Clérigos Regulares - Teatinos, que acreditou em mim e me acolheu e me proporcionou acesso aos estudos, à vida fraterna e à felicidade. O meu muito obrigado a todos os irmãos que investiram na minha formação e fazem vida comum comigo.

Aos meus familiares nas pessoas dos meus pais, Carlos e Célia, que me educaram segundo os princípios cristãos, tendo como base o amor filial. Possibilitando a mim, mais facilmente, um encontro com o Cristo e com a verdade eterna.

À minha irmã, Bruna, que me ensinou a viver o amor fraterno. Possibilitando que eu olhasse para qualquer ser humano como irmã, irmão em Cristo.

Aos meus amigos universitários, em especial os meus irmãos Carlos Garcia, CR, Lucas Gobbo, CR, Felipe Rabelo, Felipe Celestino, que me ajudaram ao longo destes três anos nos estudos no dia-a-dia e com a partilha de boas risadas. Graças a vocês posso concordar com aquele velho adágio aristotélico: “sem amigos ninguém escolheria viver”, desta forma me ensinaram que o amor é constante, como foi a presença de vocês nas minhas manhãs.

À minha amiga, Guiomar Maria, que me ensinou e ensina a beleza da amizade, da filiação de coração, digo isto porque é o que ela representa em minha vida uma amiga mãe, que em cada detalhe demonstra seu carinho por mim, sendo paciente e sempre pronta a me ajudar; meu muito obrigado também pela revisão deste trabalho que é um marco de vitória em minha vida.

Aos meus amigos seminaristas que conviveram comigo no seminário. Vocês possibilitaram parte do meu amadurecimento, e, muitas vezes, foram a imagem e semelhança do Cristo em minha vida.

À Faculdade São Bento - São Paulo, por meio de seus funcionários, e, em especial seus professores, que durante os anos de graduação, colaboram em minha formação teológica e humana.

Ao Prof. Dr. Domingos Zamagna, teólogo e amigo da Igreja, que com carinho fraternal me acompanhou ao longo do desenvolvimento deste trabalho monográfico.

A Dom Emílio Pignoli e a todos os Padres amigos e formadores que fomentaram em mim, de alguma maneira, ao longo destes anos todos de formação, o amor pela Santa Igreja, o interesse pelas coisas do alto, foram exemplos de dedicação total a Deus e a seu Povo Santo.

Enfim, agradeço a todos! Vocês foram, sem dúvidas, fundamentais para a elaboração deste trabalho, e graças a vocês pude me aproximar mais de Deus de alguma maneira, ofereço-lhes meus sinceros agradecimentos.

"Assim, por efeito destes Sacramentos da Iniciação Cristã, estão em condições de saborear cada vez mais os tesouros da vida divina e de progredir até alcançar a perfeição da caridade" (CIC 1212).



## RESUMO

No primeiro capítulo iniciaremos o nosso estudo dos sacramentos em relação à fé e o que um tem a ver com a outra e por fim entender a diferença entre sacramento e sacramentalismo e já terminando este capítulo levaremos em conta que os sacramentos como um todo são eventos salvíficos no tempo e na Igreja. No segundo capítulo “A Graça dos Sacramentos no homem” queremos relacionar a Graça e os Sacramentos como presentes no homem pela Igreja. Uma breve visão da Graça na Sagrada Escritura para entender melhor a função dela em nós e fecharemos o capítulo já entendendo melhor a Graça com a explanação dos Sacramentos como sinais visíveis, eficazes da Graça. No terceiro capítulo: “Entender os Sacramentos de Iniciação: Batismo, Eucaristia e Confirmação como Graça na Igreja” a proposta é explicar bem o sentido de cada um dos sacramentos de Iniciação e interligá-los com os dois temas dos capítulos anteriores. Veremos que nos sacramentos age o próprio Cristo que é a plenitude da Revelação. Nos subtítulos falaremos sobre o Sacramento do Batismo como entrada na comunidade de Jesus Cristo e faremos uma comparação entre o batismo de Cristo e a Graça do nosso batismo. O Sacramento da Eucaristia é apresentado como raiz e centro da Vida Cristã. A Eucaristia faz a Igreja comunidade de amor e é sinal da esperança de vida eterna. O Sacramento da Confirmação é o sacramento do Espírito, pois Jesus anuncia o Espírito que unifica e a Confirmação é o momento crucial em que o Espírito é focado em nossos sacramentos de Iniciação.

**Palavras chaves:** Sacramentos - Cristo - Igreja – Graça

**ABSTRACT**

In the first Chapter, we will begin our study of the sacraments in relation to the faith and what one should do with the other and to understand the difference between sacrament and sacramentalism and already ending this chapter we will consider that the sacraments as a whole are events salvific in time and in the Church. In the second Chapter "The Grace of the Sacraments in Man" we want to relate Grace and the Sacraments, both as gifts to man for the Church. A brief vision of Grace in Sacred Scripture to better understand the function of it in us and close the chapter already understanding better the Grace with the explanation of the Sacraments as visible signs and effective of Grace. In the third Chapter, "Understanding the Sacraments of Initiation: Baptism, Eucharist and Confirmation as Grace in the Church," the proposal is to better explain the meaning of each Initiation sacraments and to interconnect them with the two themes of the previous chapters. We will see that Christ himself acts through the sacraments and that is the fullness of Revelation. In the sub-chapters, we will discuss about the Sacrament of Baptism as an entrance into the community of Jesus Christ and we will make a comparison between the Christ's baptism and the Grace of our baptism. The Sacrament of the Eucharist is presented as the root and center of the Christian Life. The Eucharist makes the Church a community of love and a sign of hope for eternal life. The Sacrament of Confirmation is the sacrament of the Spirit. Because Jesus announces the Spirit that unifies and this confirmation is the crucial moment in which the Holy Spirit is focused on our sacraments of Initiation

**Key Words:** Sacraments - Christ - Church - Grace

## LISTA DE ABREVIATURAS

CEC	Catecismo da Igreja Católica. 2ª Ed. São Paulo, Loyola, 1993.
CIC	Código de Direito Canônico. (Codex Iuris Canonici) Novo Código de Direito Canônico - (Vaticano – São Paulo). 2006.
CJEC	Catecismo Jovem da Igreja Católica. 2 ed. Lisboa: Paulus, 2011.
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DP	Documento de Puebla, Conclusões da II Assembleia geral do Episcopado Latino Americano - 1979.
DS	Denzinger – Schonmetzer, Enchiridion Symbolorum: definições do magistério da Igreja Católica, dos primeiros séculos do cristianismo até nossos dias. (Freiburg – Barcelona). 1999.
DV	Constituição Dogmática Dei Verbum, 1965.
DZ	Denzinger: Compêndio dos símbolos, definições e declarações do magistério da Igreja.
GS	Constituição Pastoral Gaudium et Spes, 1965.
LG	Constituição Dogmática Lumen Gentium, 1964.
SC	Constituição Dogmática Sacrosantum Concilium, 1963.
UUS	Carta Encíclica de João Paulo II, sobre o ecumenismo. (Ut unum sit).

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1. A IGREJA COMO FONTE SACRAMENTAL.</b>	
1.1 A partir de Deus tudo é Sacramento.....	16
1.2 A Igreja como Sacramento.....	19
1.3 Os Sacramentos e a Fé.....	22
1.4 Sacramento e não sacramentalismo.....	24
1.5 Os sacramentos são eventos salvíficos no tempo e na Igreja.....	25
1.6 Maria colaboradora nos sacramentos.....	26
<b>2. A GRAÇA DOS SACRAMENTOS NO HOMEM</b>	
2.1 Entendendo um pouco sobre a Graça de Deus.....	30
2.2 A Graça na Bíblia.....	31
2.3 A Graça de Deus como doação.....	33
2.4 Ser humano, criatura de Deus.....	35
2.5 Os sacramentos são sinais sensíveis, eficazes da Graça.....	36
<b>3. A COMPREENSÃO DOS SACRAMENTOS DE INICIAÇÃO: BATISMO, EUCARISTIA E CONFIRMAÇÃO COMO GRAÇA NA IGREJA</b>	
3.1 Nos Sacramentos age o próprio Cristo o qual se faz Sacramento Radical no Mistério Pascal.....	39
3.2 Cristo como plenitude da Revelação.....	41
3.3 Batismo: Entrada na Comunidade de Jesus Cristo.....	42
3.3.1 O Batismo de Jesus Cristo e a Graça de nosso Batismo.....	45
3.4 - Eucaristia: Raiz e Centro da Vida Cristã na refeição.....	47
3.4.1 A Eucaristia faz a Igreja Comunidade de Amor.....	53
3.4.2 Eucaristia: Sinal da Esperança de Vida Eterna.....	55
3.5 Confirmação: O Sacramento do Espírito.....	56
3.5.1 Jesus anuncia o Espírito que unifica.....	60
<b>4. CONCLUSÃO.....</b>	<b>62</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>64</b>

## INTRODUÇÃO

Em fins dos anos 1970 a Igreja do Brasil publicava dois documentos: Pastoral da Eucaristia e Pastoral dos Sacramentos da Iniciação Cristã. Eram os primeiros documentos da CNBB, orientados, como vemos, para os Sacramentos da Iniciação. A preocupação, há mais de 40 anos estava voltada para os sacramentos ou à pastoral dos sacramentos. Além de elementos teológicos acentuavam-se sobretudo, elementos catequético-jurídico-pastorais. Entretanto, já se falava também numa perspectiva mais abrangente, do que a preparação para receber os sacramentos. Referindo-se à catequese, afirmava-se: “é necessário que a preocupação doutrinal ceda o primeiro lugar à autêntica iniciação, isto é, à introdução na vida comunitária, de fraternidade cristã e de participação na missão eclesial”. E é este, justamente, o desafio que ainda permanece.

Ao retornar hoje sobre a mesma Iniciação à vida cristã, estamos nos dedicando a um dos temas mais desafiadores da nossa ação evangelizadora. Como levar as pessoas a um contato vivo e pessoal com Jesus Cristo, como fazê-los mergulhar nas riquezas do Evangelho, como iniciá-los verdadeira e eficazmente na vida da comunidade cristã e fazê-los participar da vida divina, cuja expressão maior são os sacramentos da iniciação? Como realizar uma iniciação de tal modo que os fiéis perseverem na comunidade cristã? Como formar verdadeiros discípulos-missionários de Jesus? Entendemos nos debruçar não tanto sobre a “preparação para receber os sacramentos”, mas sim sobre o processo e a dinâmica pelas quais “tornar-se cristãos”, processos que vão além da catequese entendida como período de maior aprendizado e orientado para um sacramento.

A partir do Vaticano II, mas sobretudo no final e início do milênio, a Igreja está se empenhando em restaurar o grande processo catecumenal, que tão grandes resultados de evangelização provocou nos primeiros séculos, como processo eficaz de iniciação à vida cristã. Nessa iniciação, assim amplamente concebida, não estão implicados apenas os catequistas, que certamente continuam a ter um papel importantíssimo e insubstituível. Aí está implicada toda a Igreja: pais, padrinhos, introdutores, catequistas, liturgistas, ministérios ordenados, enfim toda a comunidade!

O Concílio Vaticano II deu à Igreja o apelativo de sacramento em diversas passagens, de grande significado. A Igreja, em Cristo, é como o sacramento ou sinal e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano, escreve a *Lumen Gentium* no cap. I, 1. A Constituição sobre a Igreja reforça esta significação aplicando-a a toda a história da salvação e desenvolvendo a exemplaridade de Cristo e de Israel, para escrever a dada altura: «Aos que se voltam com fé para Cristo, autor da salvação e princípio de unidade e de paz, Deus chamou-os e constituiu-os em Igreja, a fim de que ela seja para todos e cada um, sacramento visível desta unidade salutar» (LG. 9). É porque é sacramento de salvação que a ação litúrgica não é ação privada, mas celebração da Igreja, que é sacramento de unidade, povo santo reunido sob a direção do Bispo, escreve a constituição sobre a liturgia em seu n. 26.

Promover a unidade é efetivamente algo que se harmoniza com a missão essencial da Igreja, pois ela é em Cristo como que o sinal ou sacramento da íntima união do homem com Deus e dos homens entre si, escreve a *Gaudium et Spes* (n. 42). Ora mais que os títulos descritivos, apresentados no capítulo I da *Lumen Gentium*, esta designação contém uma afirmação sobre a própria essência da Igreja. Nesta afirmação o que ressalta é por um lado o fato da salvação designado em categorias sacramentais e por outro a forma de comunicação dos bens salvíficos específica da Igreja. O que quer dizer em definitivo, que, segundo o Concílio, a Igreja não é somente causa da salvação como diria o Concílio de Trento, mas também dom dessa mesma salvação. Como causa a Igreja aponta para si mesma. Como dom, aponta para lá de si mesma.

Como afirmou um esclarecido comentador da Constituição sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, a expressão, que nos aparece no capítulo I, 1, «a Igreja em Cristo é como o sacramento ou sinal e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano», é um ponto de extrema importância. E isto porque esta denominação perpassa toda a subsequente visão da Igreja Católica. Após uma definição fortemente jurídica, derivada sobretudo da teologia tridentina, a Constituição estabelece uma definição mais próxima do mistério, que explana todo o capítulo I da *Lumen Gentium*, partindo da ligação entre Igreja e mistério trinitário tão típica da Eclesiologia dos seus primeiros séculos, mormente oriental. Com esta feliz expressão, Igreja-sacramento de salvação, dá-se uma espécie de descentração da

Igreja em relação a si mesma, para dar relevo à sua ligação a Cristo e portanto ao seu caráter revelador, e à sua ligação com o mundo e portanto ao seu caráter de sinal.

Sobre a Graça de Deus podemos afirmar que é dom sobrenatural que Deus nos concede gratuitamente em virtude dos merecimentos da Redenção de Jesus para efetuar a obra da nossa salvação.

Podemos considerar duas espécies de Graça: Graça santificante - dom sobrenatural, estável e permanente, que o Espírito Santo infunde em nós, pelos merecimentos da redenção de Jesus, a fim de tornar a nossa alma aceitável a Deus e herdeira do Céu. Podemos perder esta graça quando nos encontramos em pecado mortal. Sem a graça santificante não há salvação para o Homem. Graça auxiliante - é todo o auxílio divino e de momento que nos incita e nos move, ajudando-nos a praticar a virtude e a fugir do mal. A Graça de Deus pode ser obtida por dois meios: pelos sacramentos que recebemos (graça santificante) e pela nossa oração (graça auxiliante).

O Sacramento é um sinal visível da graça invisível, instituído para nossa salvação. Chama-se de sinal visível da graça porque não só confere graça, como também a significa e a representa. Os Sacramentos foram instituídos por Nosso Senhor Jesus Cristo, deixando neles a virtude dos Seus merecimentos. Com eles, são-nos comunicadas as graças necessárias para a nossa santificação. Para fazer o Sacramento são necessárias três coisas: matéria, forma e intenção do ministro.

Os primeiros cinco sacramentos podem ser chamados de sacramentos de necessidade (Batismo, Crisma e Eucaristia, Penitência e Unção dos Enfermos) e os dois últimos de livre escolha (Ordem e Matrimônio). Os efeitos dos sacramentos em nós são os seguintes: conferirem a graça santificante; aumentar a graça obtida por outro sacramento; alguns deles imprimem caráter (Batismo, Confirmação e Ordem);- conferem a graça sacramental que apesar de não ser muito distinta da graça santificante, acrescentam um auxílio divino para se conseguir o fim do sacramento. Todos aqueles que recebem os sacramentos recebem a força divina para viver cristamente suas vidas

## 1. A IGREJA COMO FONTE SACRAMENTAL.

### 1.1 A partir de Deus tudo é Sacramento.

Queremos adentrar este primeiro capítulo já enfocando o conceito de fonte sacramental em relação à Igreja para facilitar o entendimento dos demais capítulos do trabalho que posteriormente aprofundará o tema em relação à graça. Entendamos o conceito também de sacramentos que norteará todo o desenrolar do tema.

Por muito tempo existiu na Igreja um conceito muito restrito de sacramento. Antes de continuarmos, entendamos um pouco o conceito de Igreja para Kehl Medard:

‘Corpo de Cristo’ é a Igreja e o corpo está entre nós, na mais estreita e indissolúvel unidade com ele. Fazendo uma alusão ao Antigo Testamento e ao Novo a Igreja é considerada como virgem, esposa e mulher, mãe. Como ‘noiva’ e ‘esposa’, ela permanece unida a Cristo em inseparável amor conjugal na unidade de ‘uma só carne’ (Ef 5,31s)<sup>1</sup>.

A palavra sacramento era utilizada e pronunciada unicamente como referência a um dos sete sacramentos ou ritos sacramentais da Igreja. É preciso dizer que essa restrição causa um empobrecimento. A realidade sacramental plena não é suficientemente expressa e reduzida aos sete sacramentos. Existem outros centros de sacramentalidade que, longe de diminuir o valor dos sete sacramentos, constituem o próprio quadro para a sua compreensão, celebração e realização na vida. (Neste trabalho veremos em especial os sacramentos de Iniciação Cristã, considerado os três primeiros deles).

Não se trata de nenhuma novidade. Nos doze primeiros séculos, a palavra “mistério”, “sacramento”, era empregada também para designar realidades distintas dos sete ritos sacramentais, como Cristo, a Igreja, a Escritura, a Páscoa, a Encarnação, a quaresma. A partir do século XIII (e, sobretudo a partir do Concílio de Trento) e uma vez delimitada a essência ou natureza específica do sacramento, em sentido estrito, como “graça eficaz”, a expressão só foi utilizada para indicar os sete ritos sacramentais da Igreja.

O Vaticano II usou a expressão “sacramento” em seu sentido original, aplicando-a a Cristo, à Igreja, e num sentido mais difuso, ao cristão, a todo homem,

<sup>11</sup> KEHL, Medard. A Igreja – uma Eclesiologia Católica. São Paulo: Loyola, 1997. pp 23 e 24.



às realidades criadas. Hoje, a Teologia, baseando-se nas fontes da revelação e no Magistério da Igreja, não hesita em nomear de “sacramentos” outras realidades que ultrapassam o campo dos sete sacramentos. Trata-se de reconhecer a essência sacramental das diversas realidades. Parte de um conceito amplo de sacramento; amplia-se o círculo da sacramentalidade, mas não se nega a verdade do sacramento<sup>2</sup>.

Quanto mais deixamos que os acontecimentos da nossa vida marquem a nossa história, tanto mais elas manifestam sua sacramentalidade, isto é, se tornam significativas e únicas para nós. São sacramentos humanos.

Há sacramentos divinos. Um homem possui uma profunda experiência de Deus. Deus não é um conceito aprendido no catecismo. Nem é a ponta de pirâmide que fecha, harmoniosamente, nosso sistema de pensamento. Mas é uma experiência interior que atinge as raízes de sua existência. Sem Ele tudo lhe seria absurdo. Nem compreenderia a si mesmo. Muito menos o mundo. Deus aparece-lhe como um mistério tão absoluto e radical que se anuncia em tudo, tudo penetra e por tudo resplandece. Se Ele é o único Absoluto, então tudo o que existe é revelação d’Ele. Para quem vive Deus desta maneira, o mundo fala de Deus. De sua beleza, de sua bondade, de seu mistério. A montanha não é só montanha. O homem não é apenas homem. É o maior sacramento de Deus, de sua Inteligência, de seu Amor e de seu Mistério. Jesus de Nazaré é mais do que o homem da Galileia. É o Cristo, o sacramento vivo de Deus. A Igreja é mais do que a sociedade de batizados. É o sacramento de Cristo ressuscitado.

Para quem vê tudo a partir de Deus, o mundo todo é um grande sacramento; cada coisa, cada evento histórico surge como sacramento de Deus e de sua divina vontade. Mas isso só é possível para quem vive Deus. Caso contrário o mundo há de guardar opacidade. Na medida em que alguém, com esforço, se deixa tomar e penetrar por Deus, nesta medida é agraciado com a transparência divina de todas as coisas.

A transparência do mundo para Deus é a categoria que nos permite atender a estrutura e o pensar sacramental. Isto significa que Deus nunca é atingido diretamente nele mesmo, mas sempre junto com o mundo e com as coisas do mundo que são diáfnas e transparentes para Ele. Daí ser a experiência de Deus

---

<sup>2</sup> BORÓBIO, Dionízio (org). A Celebração na Igreja. Liturgia e Sacramentologia Fundamental. Vol 1. São Paulo: Loyola, 1990.

uma experiência sempre sacramental. Na criatura experimentamos Deus. O sacramento é uma parte do mundo, mas que traz em si um outro mundo (transcendente): Deus. Daí que o sacramento é sempre ambivalente. Nele há dois momentos: um que vem de Deus para a coisa e outro que vai da coisa para Deus. Por isso, podemos dizer que sacramento possui duas funções: a função indicadora e a função reveladora.

Em sua função indicadora, o objeto sacramental indica e aponta para Deus presente dentro dele. Deus é apreendido não com o objeto, mas no objeto.

Em sua função reveladora, o sacramento revela, comunica e expressa Deus presente nele. O movimento vai de Deus para o objeto sacramental. Deus, em si invisível e inarrável, se torna sacramentalmente visível e palpável. O homem de fé é convidado a mergulhar na luz divina que resplandece dentro do mundo. O sacramento não tira o homem de seu mundo. Dirige-lhe um apelo para que olhe com mais profundidade, para dentro do coração do mundo. Como diz São Paulo: Todo homem é chamado (e ninguém é excluído disso, por isso ninguém é indesculpável) a refletir profundamente sobre as obras da criação. Se assim proceder verá: o que parecia invisível, o poder eterno e a divindade, começam a se tornar visíveis (cf Rm 1,19-20). O mundo, sem deixar de ser mundo, se transmuta num eloquente sacramento de Deus: aponta para Deus e revela Deus. A vocação essencial do homem terrestre consiste em tornar-se um homem sacramental.

Sacramento é tudo, quando visto a partir e à luz de Deus: o mundo, o homem, cada coisa, sinal e símbolo do Transcendente.

Tudo é sacramento ou pode tornar-se. Depende do homem e de seu olhar. Se ele olhar humanamente, relacionar-se, deixando que o mundo entre dentro dele e se torne o seu mundo, nesta mesma medida o mundo revela sua sacramentalidade. O homem, diziam os clássicos, é de alguma forma todas as coisas. Se isso é verdade, então será verdade também que tudo, para ele pode se tornar sacramento. Desde que ele se abra a todas as coisas e as acolha na sua moradia. Será que não é só nisso que reside a vocação essencial do homem face ao mundo? De hominizá-lo? De fazê-lo sua moradia e de tirá-lo de sua profunda opacidade? A via para essa sua vocação não será, porventura, o olhar sacramental? O mundo todo e não apenas uma parte dele será pátria amiga e familiar, onde mora a fraternidade e vige a tranquilidade da ordem de todas as coisas.

Quem diria que um toco de cigarro pudesse tornar-se um sacramento? Ele está no fundo da gaveta. De vez em quando, abre-se o vidrinho. Um perfume exala. Pinta-se a cor de um passado vivido. A gaveta não contém a grandiosidade da presença que se cria. Os olhos da mente vêem viva a figura paterna, presencializada no toco de cigarro de palha, cortando a palha, desfiando o fumo, acendendo o isqueiro, tragando longamente, dando aulas, lendo o jornal, queimando as camisas com as faíscas, adentrando noite afora com o trabalho penoso do escritório, fumando... fumando. O último cigarro se apagou com a vida mortal. Algo continua ainda aceso. Por causa do Sacramento<sup>3</sup>.

Precisamos dos sacramentos para crescermos para além desta nossa vida humana pequena e para nos tornarmos, através de Jesus e como Jesus, filhos de Deus em liberdade e glória.

## 1.2 A Igreja como Sacramento

Jesus instituiu a Igreja e lhe comunicou todo o seu poder salvífico, com o Dom do Espírito, e lhe prometeu presença até os fins dos tempos. A Igreja continua a missão de Jesus: pela Palavra, pelos gestos de caridade solidária e libertadora, pelo testemunho, pelos sacramentos, Jesus continua agindo em nosso favor<sup>4</sup>.

Tal como só há um único Cristo, também só pode haver um único “corpo” de Cristo, uma única “esposa” de Cristo, isto é, uma única Igreja de Jesus Cristo. Ele é a cabeça, a Igreja é o corpo. Juntos formam o “Cristo total” (Santo Agostinho). Assim como o corpo tem muitos membros, embora ele seja um só, também a Igreja única se compõe de muitas igrejas particulares (dioceses). Juntas formam o “Cristo total”.

Sendo a Igreja o sacramento universal da ação de Cristo no mundo, os sacramentos são os gestos concretos e sumamente expressivos pelos quais a ação de Cristo na Igreja e se expressa, de modo próprio, a dimensão sacramental da comunidade eclesial. Trata-se precisamente dos sacramentos, prolongamento do Corpo do Senhor<sup>5</sup>.

Jesus construiu a Igreja sobre o fundamento dos Apóstolos. Este fundamento suporta-a até hoje. A fé dos Apóstolos foi transmitida de geração em geração, sob a

<sup>3</sup> BOFF, Leonardo. *Minima Sacramentalia. Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*. 10ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 9-52- adaptação.

<sup>4</sup> *Sacrossanctum Concilium*, n. 7.

<sup>5</sup> TABORDA, Francisco. *Sacramentos, práxis, e festa*, Petrópolis, 1987, p. 150.

direção do ministério petrino, que “preside a caridade” (Santo Inácio de Antioquia). Também os sacramentos que Jesus confiou ao colégio dos Apóstolos continuam a atuar com a sua força original<sup>6</sup>.

A Igreja é Sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo gênero humano<sup>7</sup>. A Igreja é o lugar de preparação, realização e vivência dos sacramentos, prova mais que concreta da presença da Graça de Deus, que veremos no segundo capítulo.

Sacramento é, em primeiro lugar, e, fundamentalmente, um ato pessoal do próprio Cristo (afirmação que voltaremos a analisar no próximo capítulo), que se apodera de nós no plano da visibilidade terrestre da Igreja, em uma forma de manifestação funcional ou institucional. Atividade salvífica de Cristo celeste sob forma de aparição em um ato eclesial. Não existe Igreja sem sacramento nem sacramentos sem Igreja. Só podem ser chamados sacramentos, porque são atuações da Igreja sacramento. Ramificações do sacramento-raiz.

Para a elaboração de uma teologia sacramentária, temos antes de enfocar e procurar conhecer o que aparece desde o início na vida da Igreja. Como o fato da criação e a realidade da existência das criaturas precedem a Teologia do Deus Criador, o evento Cristo precede a Cristologia, é de se reconhecer que a efetivação real dos sacramentos, desde o início da Igreja, como vida real concreta dessa Igreja, deve preceder a Teologia Sacramentária. É fundamental para qualquer teologia cristã dos sacramentos reconhecer a existência de uma vida sacramental eclesial desde os inícios da Igreja. A comunidade cristã da época apostólica celebra os sacramentos e os vive: batismo, imposição das mãos para o dom do Espírito, fração do pão, unção dos enfermos, imposição das mãos para constituir alguém no ministério<sup>8</sup>.

É importante que se constate a prática e o sentido dessa prática. A Igreja, desde o início, existiu com os sacramentos, como parte essencial de sua vida. Ela jamais existiu sem os sacramentos. Os sacramentos são os órgãos vitais do corpo da Igreja. “No cerne da idéia sacramental está a convicção de que Deus pode utilizar

---

<sup>6</sup> Catecismo Jovem da Igreja Católica. 2ª Ed. Lisboa: Paulus, 2011, p. 98

<sup>7</sup> Introdução e abertura da LG.

<sup>8</sup> SHULTE, R. Os Sacramentos individuais-racemos do Sacramento Raiz, in *Mysterium Salutis IV/4*, Petrópolis: Vozes, 1977, p. 89.

e de fato utiliza os aspectos físicos, tangíveis, históricos e vocais da vida humana como ‘transportadores’ do amor divino”<sup>9</sup>.

Como Israel e o próprio Jesus tinham sido expressões visíveis da amorosa benevolência de Deus, portanto agora, raciocinou-se: “a Igreja é em Cristo como que o sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG 1).

A Igreja em sua totalidade como comunidade de fiéis e comunidade de história de fé em Jesus Cristo ressuscitado, com seu credo, com sua liturgia, foi chamada sempre de Grande Sacramento da Graça e da Salvação no mundo. Assim como Cristo era o sacramento do Pai, a Igreja é o Sacramento de Cristo. Ela se torna sacramento enquanto participa e diuturnamente atualiza o sacramento de Cristo. Também todas as coisas que se encontram dentro da Igreja são sacramentos. Assim tudo na Igreja é sacramental porque recorda Cristo ou concretiza a Igreja sacramento: a liturgia, com seus ritos, objetos sagrados, a atividade da igreja no mundo, na assistência social. Todos os gestos e palavras da Igreja-Sacramento assumem igualmente uma função sacramental: estão detalhando no concreto da vida o que seja a própria Igreja-Sacramento.

Como portadora da Graça e sacramento de Jesus Cristo, ela se faz presente lá onde Cristo e sua graça alcançam. Cristo não possui limites cósmicos, tudo penetra e abarca: a Igreja tudo abarca e penetra. Por isso a Igreja é limitada apenas nos seus signos e na sua humanidade histórica. Mas o mistério que penetra esta humanidade histórica e os signos todos são livres e podem fazer-se presentes em toda a realidade do mundo.

Onde existe a vontade sincera e seguir Cristo, muitas vezes o Espírito consegue derramar a sua graça por sendas diversas daquelas ordinárias... à koinonia visível que é, simultaneamente, louvor da sua glória e serviço ao desígnio da salvação<sup>10</sup>.

A Igreja é uma anciã, vem carregada de séculos, possui mãos calosas no amaino dos homens, é, não raro, demasiadamente prudente, vagarosa em andar porque lenta em compreender, apesar de todos estes senões. “É nela que fomos

---

<sup>9</sup> FIORENZA, Francis S. ; GALVIN, John P. Teologia Sistemática, Perspectivas Católico-Romanas. Vol II, São Paulo: Paulus, 1997, p 63.

<sup>10</sup> Carta Encíclica de João Paulo II, sobre o ecumenismo. (Ut unum sit), UUS 84.

gestados, nascidos e alimentados e encontramos diuturnamente Jesus Cristo e com Ele todas as coisas. Por causa do sacramento”<sup>11</sup>.

### 1.3 Os Sacramentos e a Fé

Na história da salvação vemos a importância da fé e nos sacramentos ela é indispensável. O povo que pela fé reconhece a parceria envolvente de Deus em sua história cria mil sinais de reconhecimento de sua presença e mil formas para manifestar esse reconhecimento e celebrar o libertador e criador. Nessa história reveladora e sacramental, tudo se torna sacramental: pessoas, tempo, lugares, coisas, atitudes etc. Como Deus se manifesta de forma sensível, adaptada à compreensão humana, o povo também cria as mediações na sua resposta de reconhecimento a Deus<sup>12</sup>.

Os Sacramentos do Novo Testamento, instituídos pelo Cristo Senhor e confiados à Igreja, como ações de Cristo e da Igreja, constituem sinais e meios pelos quais se exprime e se robustece a fé, se presta culto a Deus e se realiza a santificação dos homens; por isso, muito concorrem para criar, fortalecer e manifestar a comunhão eclesial; em vista disso, os ministros sagrados e os outros fiéis, em sua celebração, devem usar de suma veneração e devida diligência.

Já que os sacramentos são os mesmos para toda a Igreja e pertencem ao depósito divino, compete unicamente à suprema autoridade da Igreja aprovar ou definir os requisitos para sua validade, e cabe a ela ou a outra autoridade competente determinar o que se refere a sua celebração, administração e recepção lícita, e à ordem a ser observada em sua celebração<sup>13</sup>.

O sacramento supõe a fé, pois, sem a fé o sacramento não fala nada e de nada. Só para aquele que teve uma profunda vivência e convivência com o que considera sacramento, é significativo e simboliza algo mais do que se imagina. Só para quem tem fé, os ritos sagrados, os momentos fortes da vida se tornam os veículos misteriosos da presença da graça divina. Caso contrário, transformam-se

---

<sup>11</sup> BOFF, Leonardo. *Mínima Sacramentalia. Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*. 10ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1984, p 9-52- adaptação.

<sup>12</sup> ROCCHETTA, C. *Os Sacramentos da fé*. São Paulo: Paulinas, 1991.

<sup>13</sup> CIC- Código de Direito Canônico, ed. 2006, p. 225.

em meras cerimônias vazias e mecânicas, que algumas poderão considerar ridículas.

O sacramento também expressa a fé. Por um lado, é o homem que pelo e no sacramento se expressa a Deus, adora-o, glorifica-o e suplica-lhe vida e perdão; por outro é Deus que pelo e no sacramento se expressa ao homem dando-lhe carinho, vida e perdão.

O sacramento também alimenta a fé. Ao expressar a fé o homem modifica a si mesmo e ao mundo. A religião constitui um complexo simbólico que exprime e alimenta permanentemente a fé. O sacramento é dela o coração. A graça o seu pulsar.

O sacramento concretiza a Igreja universal numa determinada situação crucial da vida, como o nascimento, o casamento. Por isso, não tem muito sentido alguém querer receber algum sacramento da Igreja, se não tem nenhuma ligação e adesão efetiva com esta Igreja. Para celebrar os sacramentos é preciso que haja comunidade de fé e vida.

Não existe celebração de nenhum sacramento sem a presença da comunidade. Nos sacramentos a comunidade celebra a vida de cada pessoa presente que carrega consigo as aspirações, sentimentos, conquistas, as lutas do dia-a-dia.

A Igreja faz os sacramentos, pois é ela que convoca todos os seguidores de Jesus para os celebrar. “Toda ação da Igreja para o serviço do Reino, participa, de certa forma da sua sacramentalidade. Mas, entre os múltiplos gestos da Igreja que são sinais visíveis da presença da graça de Cristo entre os homens, a Igreja reconhece sete sacramentos propriamente ditos”. (Catecismo Romano 221).

Os sacramentos são sinais para mais vida e vida nova e livre. Eles dão vitalidade, coragem para a comunidade-Igreja. Compromete a Igreja a viver a solidariedade, a justiça e a criar uma sociedade mais fraterna. É nos sacramentos bem celebrados e assumidos que a Igreja encontra sua identidade. São eles que permitem o encontro festivo com a comunidade, levam a uma constante conversão e, portanto, a uma reconciliação. Fortalecem para a prática do serviço e testemunho. Dinamizam para mais comunhão–partilha.

Fortalecer a vida comunitária, numa vivência comprometedora a partir dos sacramentos, é tarefa de todos os pastores e de cada responsável por uma pastoral ou movimento. É tarefa, também, educar para uma compreensão correta de que

existe uma forte relação entre os sacramentos e a vida de comunidade, pois com devido cuidado deve se ter uma boa catequese acerca desta verdade, pois se não pode tornar-se um mero sacramentalismo, termo que explicarei no subtítulo seguinte.

#### **1.4 Sacramento e não sacramentalismo.**

Chamamos Sacramentos do Novo Testamento os sete conhecidos: Batismo, Eucaristia, Confirmação, Penitência, Matrimônio, Unção dos Enfermos e Ordem, porém neste trabalho abordaremos apenas os de Iniciação: Batismo, Confirmação e Eucaristia. A expressão “Sacramentos do Novo Testamento” é utilizada para diferenciar dos ritos do Antigo Testamento como afirma Jesus Hortal<sup>14</sup>.

O sacramento pode ser deturpado em sacramentalismo. Celebra-se o sacramento, mas sem a conversão. Colocam-se sinais figurativos da presença do Senhor, mas sem preparação do coração. Os sacramentos são usados para exprimir a adesão a uma fé. Entretanto, no sacramentalismo, esta fé é sem consequências práticas. Não modifica a vida. É uma fé de uma hora por semana, por ocasião da missa dominical ou de alguns momentos importantes da vida, como por exemplo um batizado, algum casamento, ou um sepultamento. Fazem-se ritos, mas não se vive uma fé viva. Na vida concreta vivem-se valores opostos à fé.

Outra deturpação do Sacramento: há pessoas que aproveitam toda e qualquer ocasião para receber os sacramentos, porque querem acumular graças sobre graças. A preocupação não é um encontro pessoal com o Senhor. Mas o acumular em termos “coisísticos”, como se a graça divina fora uma coisa que pudesse ser acumulada quantitativamente e colecionada.

Há também o rito mágico, pessoas que acreditam que o Sacramento age por si mesmo em virtude de uma força misteriosa inerente aos próprios elementos sacramentais. Não é mais o Cristo quem causa, mas a cerimônia nela mesma. Não olham o rito como expressão da fé, expressão que Cristo assume para Ele se fazer presente e comunicar por ela seu amor e sua graça. Muitas pessoas têm uma interpretação mágica do sacramento. O respeito e o temor diante do rito sagrado não articulam o temor e o respeito à presença do Senhor, mas exprimem o modo de não executar

---

<sup>14</sup> HORTAL, Jesus. Os Sacramentos da Igreja na sua Dimensão Canônico-Pastoral, 1ª ed. Petrópolis, Loyola, 1987, p. 13.



corretamente os sinais e assim atrair a maldição em vez de bênção. (BOFF, 1984, p. 53-57)<sup>15</sup>.

### **1.5 Os sacramentos são eventos salvíficos no tempo e na Igreja**

Na realização de seu plano de salvação, Deus não só respeita, mas exalta a lei da sacramentalidade humana. O Deus invisível e inacessível, a quem “ninguém jamais viu”, para relacionar-se com os homens, adota a própria linguagem e os meios de relação do ser humano. Nisso se mostra a profunda condescendência de Deus e a profunda unidade entre o plano da criação e o da redenção. O homem a ser salvo é o homem criado. Eis nossa alegria: Criados para sermos salvos.

Deus nunca foi silêncio e nunca foi indiferente com relação aos homens. Já no Paraíso, Ele: “passei no jardim” (Gn 3,8), procura o homem e pergunta pela sua situação: “Onde estás - o que fizeste?” (Gn 3,9.13). Faz o homem responder pelo seu irmão: “Onde está seu irmão?” (Gn 4,9). Um Deus que vê a corrupção da terra, ouve o clamor do povo e vê a sua aflição. Que age em favor do povo e que chama Abraão, os demais patriarcas, chama Moisés, chama os Juizes, chama os Profetas, chama os Sábios, chama Maria, chama os Apóstolos. Os sacramentos são a continuação desse chamamento de Deus a nós que somos os mensageiros dessa graça inesgotável. A continuação do interesse de Deus pela criação se reflete perfeitamente nos sacramentos através da Igreja e perpassa pelos tempos, como vimos acima.

Podemos dizer que a Criação, em seu conjunto, é um grande sacramento e sacramento universal, como se pode verificar na história das religiões. Sacramento que fala de Deus e de suas perfeições invisíveis. Deus não é corpo, mas, como um grande artista, imprime sua perfeição em suas obras, e as torna um convite para o nosso reconhecimento, conquanto tenhamos as disposições de procurar a Deus com coração sincero. A criação é apresentada como obra também da Trindade que é perfeita:

A criação é obra da Trindade, atribuindo-se ao Pai as obras em que brilha o poder, sem considerar divisão nas Pessoas divinas, pois são indivisas as

---

<sup>15</sup> BOFF, Leonardo. *Mínima Sacramentalia. Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*. 10ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 53-77

obras da Trindade, bem como a sua essência. Portanto as pessoas da Trindade agem também de modo inseparável na criação<sup>16</sup>.

O próprio Cristo realiza todos os sacramentos. É Jesus que pela mediação da Igreja batiza, perdoa os pecados, concede o Espírito Santo, enche de graça, consagra, santifica, oferece, envia e salva. Ele é o verdadeiro sacerdote. Jesus não podendo permanecer corporalmente presente, escolhe Ministros para si, que agem "*in persona Christi*". O sujeito primário das ações sacramentais é o próprio Senhor glorificado, que, através do Ministro encarregado, se torna presente e age nos sacramentos. O Ministro humano dos sacramentos só pode celebrá-los se tiver o poder sacramental necessário estabelecido pela Igreja para sua celebração válida. Nem todos os cristãos têm o poder de administrar todos os sacramentos<sup>17</sup>. Ao administrar os sacramentos, exige-se dos ministros da Igreja pelo menos a intenção de fazer aquilo que a Igreja faz. A validade dos sacramentos não depende da ortodoxia ou estado de graça do ministro humano.

Sendo atos de Cristo, os sacramentos são necessariamente atos da Igreja. Nos sacramentos a ação de Cristo e da Igreja se unem para a salvação do homem. A Igreja é ao mesmo tempo depositária e dispensadora dos sacramentos. Não há ação sacramental que não seja eclesial.

A Igreja é o sacramento de Cristo, o sinal e instrumento visível do Senhor glorioso. Para que se realize uma ação sacramental são necessários cinco elementos indispensáveis: Ministro (*in persona Christi*); Sujeito (que recebe o sacramento); Matéria (objeto da ação); Forma (as palavras); Intenção (fazer aquilo que a Igreja faz)<sup>18</sup>

## 1.6 Maria colaboradora nos Sacramentos.

Sendo Maria predestinada desde toda a eternidade para ser a Mãe do Salvador (LG 61) ela é colaboradora nos sacramentos, uma vez que é o próprio Cristo que nos presenteia com eles sendo um ato pessoal dele mesmo na Igreja. Anteriormente vimos que Maria também foi chamada por Deus para ajudar no desígnio de salvação assim como os Profetas e Patriarcas e isso contribui mais ainda para reafirmar que ela colabora nos sacramentos, pois fez e faz parte do caráter salvífico da humanidade que continua ativo, salvando. Maria nos ensina com

<sup>16</sup> BOFF, Leonardo. A graça Libertadora do Mundo, Petrópolis, Vozes, 1976, p. 53.

<sup>17</sup> (DS 1610)

<sup>18</sup> SCHILLEBEECKX, E. Cristo Sacramento do Encontro com Deus. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 32.

atitudes de Sua vida, o que significa ser Batizado: é nunca deixar de estar unido a Jesus, é deixar que o Espírito que habita em nós irradie Luz por todo no nosso ser, que as nossas atitudes e palavras sejam com humildade, com mansidão, deixar que o outro sinta com o nosso olhar e o nosso amor a força que o Espírito Santo opera e realiza em nós.

### **1.6.1 - Maria e os Sacramentos**

Eucaristia – estar constantemente em Ação de Graças. Foi assim que Maria ficou sendo o primeiro Tabernáculo, a primeira a "comungar Jesus", a expor Jesus para nós. Maria permaneceu em silêncio, sempre confiando no Desígnio de Deus para Ela, para Seu Filho e para José.

Sempre que nos aproximamos para receber Jesus na Eucaristia, Ela está lá, intercedendo, pedindo por nós, pedindo para que ao recebermos o Seu Filho, tenhamos a mesma atitude que Ela, sejamos como Ela. Ser como Maria significa amar no silêncio e com obediência, amar com humildade e com alegria, amar com paciência e resignação, amar com a força e a sabedoria do Espírito Santo. Ser como Maria, é ser irradiação amorosa de Jesus Cristo em nossa vida e na vida dos outros.

Ao receber Jesus em Seu Coração e em Seu Ventre, Maria se torna o primeiro Sacrário vivo, a primeira que comungou Jesus. No momento em que Jesus cumpre a sua promessa mandando o Espírito Santo sobre os Apóstolos, Maria está presente.

Maria já tinha a Unção do Espírito Santo, Ela já fazia uso dos Dons, se Ela não quisesse estar presente naquele momento, não era preciso, mas Ela estava lá, junto com os Apóstolos, tranquilizando e dando a Paz no coração de cada um deles, mesmo sentindo o medo deles. Ela permaneceu firme, serena, deixando que eles sentissem a presença Jesus pelo Espírito Santo. É isso que o Sacramento da Crisma faz em nós, é isso que precisa fazer em nós, pessoas com coragem de deixar Deus usar os Dons em nós, segundo a sua vontade, deixar que Deus nos coloque a serviço da Igreja, a serviço do outro; capacitar-nos com o Seu Espírito Santo, fluir em nós os Dons. Estarmos abertos para irmos onde Ele nos enviar.

Maria é Mãe da Igreja e a predestinação de ser a Mãe do Salvador, que focamos acima, não anula a liberdade dela; no entanto ela generosamente dá sua aprovação: "Eis aqui a escrava do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra"

(Lc 1,38). Maria é modelo do Povo de Deus, discípula fiel ao desígnio divino, seguidora, colaboradora. Esteve junto a Jesus, como veremos abaixo, e junto aos discípulos. Caminhou com Jesus, está a caminho juntamente conosco.

Em nossos povos, o Evangelho tem sido anunciado, apresentando a Virgem Maria como sua realização mais alta. Desde os primórdios Maria tornou-se o grande sinal, de rosto materno e misericordioso, da proximidade do Pai e de Cristo com quem ela nos convida a entrar em comunhão. Maria foi também a voz que deu impulso à união dos homens e dos povos<sup>19</sup>.

Ela é um privilegiado canal pelo qual nós podemos conhecer Jesus. A Igreja é o sinal de Jesus, é o meio que nos une mais estreitamente a Jesus e nos conduz a Deus. Na leitura cristã do Antigo Testamento, a missão de Maria foi preparada pela missão de outras mulheres.<sup>20</sup> As mulheres do Antigo Testamento são sinais no caminho para a libertação de Jesus. Depois de uma demorada espera da promessa, completam-se os tempos e se instaura a nova economia (LG 55). Maria foi inserida por Deus no mistério da ação do Espírito (que é o doador por excelência dos sacramentos na Igreja), pela qual o Pai gera, tornando-a mãe terrestre do Filho Deus<sup>21</sup>. Dessa maneira Maria coopera no desígnio da salvação. A maternidade divina é raiz e o fundamento dos demais privilégios e dos dons com que Maria foi agraciada por Deus. Por ser Mãe de Jesus ela teve uma Imaculada Conceição, permaneceu virgem, foi santa, participou da cruz de Jesus e da sua ressurreição através de sua Assunção ao céu<sup>22</sup>.

Maria é modelo de virtudes, por isso, com seu exemplo, ajuda os cristãos a penetrarem mais e mais no mistério da Encarnação. Progredindo dessa maneira na fé, esperança e caridade, Maria entrou intimamente na história da salvação (LG 65).

Antes de Pentecostes, Maria, os Apóstolos e algumas mulheres, reunidos no mesmo lugar, unânimes perseveraram na oração. Vemos então Maria implorando com suas orações o Dom do Espírito, que na anunciação, a tinha coberto com sua sombra (LG 59).

Por sua adesão total à vontade de Deus, desde a Encarnação do Verbo até a morte na cruz, ela coopera para a salvação da humanidade.

---

<sup>19</sup> Doc. de Puebla, Conclusões da II Assembleia geral do Episcopado Latino Americano - 1979. DP 282.

<sup>20</sup>CIC 489.

<sup>21</sup> F. X. DURRWEL, O Pai Deus em seu mistério, 1ª ed., São Paulo, Paulinas, 1990, p.135.

<sup>22</sup> J. COMBLIN. A Igreja e sua missão no mundo, São Paulo, Paulinas, 1985, p. 297.

Efetivamente, a Virgem Maria, que na anunciação do anjo acolheu o Verbo no coração e no seio e deu ao mundo a Vida é verdadeiramente Mãe de Deus e do Redentor. Remida de maneira mais sublime, em atenção aos méritos de seu Filho, e unida a ele por um vínculo estreito e indissolúvel, foi enriquecida com a excelsa missão e dignidade de Genitora do Filho de Deus; é por isso, filha predileta do Pai e santuário do Espírito Santo e, por este insigne dom da graça, supera em excelência todas as demais criaturas do céu e da terra.<sup>23</sup>

Os sacramentos são dons de Cristo à sua Igreja como vimos anteriormente. Sendo Maria protótipo da Igreja, ela também mantém a Graça dos sacramentos. É missão da Igreja celebrá-los em favor do Povo de Deus e preservá-los de atitudes abusivas. Maria simboliza este respeito para com as realidades divinas.

“Maria ocupa papel tão proeminente na História da Salvação que podemos afirmar com certeza que ela é ‘membro e ícone da Igreja virgem’, como escreveu Bruno Forte”<sup>24</sup>.

Por tudo isso, ela é nossa Mãe na ordem da graça, (LG 61), assunto que abordaremos com maior profundidade no próximo capítulo.

---

<sup>23</sup> DZ 4173. LG 53

<sup>24</sup> FORTE, Bruno. Maria, a mulher ícone do mistério. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 173.

## 2. A GRAÇA DOS SACRAMENTOS NO HOMEM

### 2.1 Entendendo um pouco sobre a graça de Deus.

Falar de sacramentos, e neste caso em nosso trabalho, atermo-nos aos sacramentos de “Iniciação”, faz-nos decididamente lembrar a “graça de Deus” presente no homem e na igreja. O homem é o verdadeiro alvo da graça que concorre sempre para o bem dele e dos que o rodeiam. Será no Mistério Pascal que procuraremos vincular a graça em nós, uma vez que todos são chamados a experimentar estes sacramentos. É de extrema importância de início explorar alguns pontos do entendimento sobre a graça de Deus que é tão abrangente. Entendamos um pouco sobre a graça.

Podemos de início afirmar que graça de Deus é a manifestação do amor de Deus, como Ele nos alcança. Leonardo Boff afirma:

“Quando se fala em graça, se quer visualizar este fenômeno que, como se depreende, rompe todas as barreiras estanques daquilo que nós chamamos realidades, dimensões, mundo. A graça instaura um mundo só, onde os opostos se encontram: Deus-homem; Criador-criado. Graça é unidade e reconciliação. Por isso graça é sinal de salvação, e perfeita identidade do homem e de Deus.<sup>25</sup>”

A graça de Deus encontra na pessoa sua adesão e repercussão para se inserir em alguém. Sem ser condicionado por vontade ou adesão de quem a recebe, pois a graça independe de algo ou de alguém para se manifestar.

A ação da graça em nós é para refazer e reconfigurar a imagem de Deus no ser humano (O pecado que desfigura a imagem de Deus em nós). Pecado é rejeição à graça. Deus quer que sejamos santos (como Ele é santo).

Andrés Torres Queiruga fala da graça já na criação. Deus cria salvando, dando a vida<sup>26</sup>. A graça é ofuscada pelo pecado, mas não anulada. A graça de Deus está acima de tudo e de todas as coisas.

Podemos chamar de Sinergismo da graça o intercâmbio da graça que agindo no ser humano, a transforma, mesmo tendo erros e não se dando conta da

---

<sup>25</sup> BOFF, Leonardo, A Graça Libertadora do Mundo, Petrópolis, Vozes, 1977, p.98.

<sup>26</sup> QUEIRUGA, Andrés Torres. A Revelação de Deus na Realização Humana, São Paulo, Paulus, 1995, p.52.

realidade. Deus serve-se de pessoas que rezam, por exemplo, para atingir outras com sua graça<sup>27</sup>.

A graça de Deus não é condicionada e independe do mérito humano. Dom de Deus é algo dado. Quando percebemos em Aparecida as vendas de terços, imagens, vemos um exemplo do que aparente uma “venda da graça”, e isso é visto por muitos como atitude negativa. Em tudo o que somos e temos, dependemos de Deus<sup>28</sup>.

A graça independe do mérito humano, mas não age sem disposição do ser humano. Temos que ter noção de que a graça ultrapassa os limites da instituição (no nosso caso a Igreja católica), mas neste trabalho estamos explorando a graça encontrada nela. A encarnação de Jesus é a expressão maior da graça de Deus em nosso favor. A Igreja é sinal da graça de Deus no mundo, mesmo com defeitos. Esses dois textos demonstram a graça entendida no Novo Testamento: “Eu vim para que todos tenham vida”<sup>29</sup> e “Eu sou a videira e vós sois os ramos”<sup>30</sup>.

Todos os discursos na Bíblia que falam da vida estão falando da graça. No Antigo Testamento, por exemplo, o Êxodo é uma dessas manifestações de amor de Deus. Também a conquista da terra prometida. A ação dos profetas também. A harmonia do Gênesis, Davi, Golias etc. Quando Deus age em nosso favor, nos nossos momentos de dificuldade e desespero podemos chamar de graça atual. Entraremos mais detalhadamente no sentido bíblico sobre a graça no próximo item.

## 2.2 A Graça na Bíblia

A palavra “Graça” só aparece a partir da tradução dos LXX mais ou menos em 250 a.C. A categoria graça aparece com Paulo. No Antigo Testamento não se entendia a palavra graça, com a mesma compreensão do Novo Testamento, no Antigo Testamento, temos o substantivo *hen* que designa uma qualidade que incita favor, ela pode estar na aparência externa ou na fala. Assim como o uso do verbo *hanan* que significa mostrar favor, que usado nas relações entre homens em relação aos necessitados, pobres, órfãos e a todo aquele que esteja necessitado. Podemos

---

<sup>27</sup> MIRANDA, Mário de França. A Salvação de Jesus Cristo, A Doutrina da Graça, São Paulo. Loyola, 2004, p. 57.

<sup>28</sup> RAHNER, Karl. O Homem e a Graça, São Paulo, Paulinas, 1970, p. 144.

<sup>29</sup> Jo 10,10

<sup>30</sup> Jo 15,5

lembrar aqui a infidelidade do povo, sua desobediência e mesmo assim a graça de Deus presente nas denúncias dos profetas por motivo dos males sociais e abuso do poder da época:

“O povo pecou, foi infiel ao projeto de Deus. As infidelidades manifestam-se através de atos coletivos de idolatria de todo o povo, da atuação iníqua das autoridades (juízes, reis, sacerdotes), de criação de estruturas sociais injustas, do abuso do poder, do sofrimento infligido aos estratos sociais mais fracos, tais como as viúvas, órfãos e estrangeiros, da desobediência às leis do decálogo e sua decorrência, da articulação política com países inimigos, assumindo deles cultos idolátricos.<sup>31</sup>”

No Novo Testamento, Paulo é o grande teólogo da graça. Ele usa o nome graça (*charis*) muitas vezes e lhe dá categoria cristã, isto é, elabora uma teologia cristã da graça.

É preciso voltar à Bíblia (Antigo e Novo Testamentos) com olhos “paulinos”. É preciso ter o conceito de Paulo e olhar para os dois testamentos com o conceito da graça.

Por isso podemos afirmar que a graça é alguém: Jesus de Nazaré (é o próprio Filho de Deus enviado, encarnado por obra do Espírito). Tem caráter Trinitário. A graça é Ele mesmo que se entrega a nós. “O antigo passou e algo novo surgiu<sup>32</sup>”. Este algo novo é a graça.

Jesus é enviado para “proclamar um ano da graça do Senhor”<sup>33</sup>. Para os primeiros cristãos estava claro que Jesus é essa realidade nova da graça. Com o Espírito Santo chega até nós o caráter universal da graça. O Pai manifestou a graça por nós em Jesus e agora Ele o faz em nós através do seu Espírito Santo. O Filho e o Espírito Santo são os condutores pelos quais a graça de Deus nos atinge. A Teologia da Graça que estudamos faz-nos e estuda pelo lado de dentro a subjetividade da graça. Deus está entre nós pela encarnação do Verbo e pela Inabitação do Espírito. A graça, portanto, é a presença de Deus no meio de nós. Deus mora em nós e conosco. O Espírito Santo faz aquilo que Jesus fez, mas, de forma diferente. A graça é Deus para nós (economia). O Pai vem através do Filho e pelo Espírito. A economia do Pai se manifesta no Filho e no Espírito Santo. O Espírito se encarrega de comunicar a graça que é Jesus a cada pessoa e à comunidade de fé.

---

<sup>31</sup> LIBANIO, João Batista, Deus e os homens: os seus caminhos, Petrópolis, Vozes, 1990, p 127.

<sup>32</sup> 2Cor,5,17

<sup>33</sup> Lc 4,19 (cf Is 61,2)



Jesus viveu plenamente com seus contemporâneos. Aí a graça foi apalpada, experimentada pelos contemporâneos de Jesus. Em Jesus a graça é experimentada somente por pessoas do seu tempo. Jesus morre e é alterado a maneira desta experiência para todos os homens e todos os tempos. Existem duas maneiras diferentes de se viver a graça em Jesus. Uma seria pela convivência histórica, nós hoje, porém fazemos a experiência pela ressurreição de Cristo. O Espírito derrama a graça para o mundo inteiro. Pela ressurreição Jesus foi universalizado. Podemos já notar que neste sentido os sacramentos são os canais para experimentarmos plenamente a graça transmitida pela ressurreição de Jesus.

Portanto, a graça é o Filho no Espírito. Cristo é a graça encarnada historicamente. Graça são o Filho e o Espírito Santo. Cada um com a sua missão, porém não existe apenas essa identidade da graça.

No Novo Testamento a experiência da graça tem algo muito marcante. Cada autor bíblico expressa a graça do sujeito dependendo de comunidades, contextos etc.

Nos evangelhos sinóticos Jesus nunca falou o termo “graça” no sentido que usamos hoje e sim o termo graça como agradecimento. No seu modo de viver, Jesus é a graça do Pai. Em Marcos, Mateus e Lucas algumas vezes aparece graça como parábolas iluminadoras. O primeiro sentido é a vida do Reino que é a vida da graça. Vemos a graça no seguimento de Jesus, vemos na filiação divina representada na oração do “Pai Nosso”, pois somos todos filhos de Deus, dentre outros exemplos. Graça também é seguimento<sup>34</sup>.

### **2.3 A graça de Deus como doação**

A palavra graça, por um lado quer traduzir a experiência cristã mais originária e original: de Deus que tem uma profunda simpatia e amor para com o homem a ponto de dar-se a si mesmo; por outro, do homem capaz de se deixar amar por Deus, abrindo-se a ele, também ao amor e ao diálogo filial. O resultado desse encontro é a beleza, a graciosidade, a bondade que se reflete em toda criação, mas de modo especial no homem e em toda a sua história. O homem é bom, gracioso, agradecido, belo, cordial, misericordioso porque foi visitado por Deus misericordioso,

---

<sup>34</sup> RAHNER, Karl. O Homem e a Graça, São Paulo, Paulinas, 1970, p. 86.

cordial, belo, agradecido, gracioso e bom, que o fez ser aquilo que é. “A graça quer dizer presença de Deus no mundo e no homem”<sup>35</sup>.

A graça é o favor, o socorro gratuito que Deus nos dá para responder a seu convite: tornar-nos filhos de Deus, filhos adotivos, participantes da natureza divina, da vida eterna<sup>36</sup>.

Graça diz também abertura do homem para Deus; capacidade de se dimensionar com o infinito e de entabular um diálogo que lhe conquista dia a dia sua humanidade e o premia com a deificação.

A graça é o reencontro da natureza humana com a natureza divina. É Deus se doando, abrindo-se para o ser humano e este aceitando Deus na sua vida; entregando-se, acontece a reconciliação entre o céu e a terra.

Deus se auto-realiza permanentemente e por toda a eternidade como Mistério que se autodoação, como Filho e como Espírito Santo; prolonga sua comunhão e doação em termos de mundo; e estabelecido o mundo penetra mais profundamente esse mundo numa superabundância inesperada de Amor e Autodoação. Jesus Cristo é a graça salvadora para todos os homens e mulheres, como vimos no capítulo anterior (cf Tt 2,11); “Ele é a aparição benigna e do amor humanitário de Deus nosso Salvador” (Tt 3,4). “Graça é o nome para Deus mesmo, como Ser que é sempre Comunhão, Êxodo de si mesmo, “Amor para com”, “Simpatia para com” os outros diferentes dele. Isso não é uma qualidade de Deus. É essência. Deus não tem graça, Ele é graça<sup>37</sup>”.

O homem vive a todo instante o encontro com Deus. Vê-se mais do que aquilo que aparenta ser. Ele é convidado a fazer parte da comunhão divina. O que o envolve é a graça, o encontro e a dimensão do que é aberto e da comunhão sem limites. É chamado a viver na atmosfera divina que vai se tornando uma realidade à medida que se auto doa, abre-se e entra em comunhão com o divino.

Somente na graça, naquilo que é mais do que ele, o ser humano se constitui como ser humano. Por isso, ele é sempre mais do que “homem”, isto é, daquilo que podemos dizer, falar, analisar, compreender, enquadrar, definir e estruturar do ser humano.

---

<sup>35</sup> BOFF, Leonardo. A Graça Libertadora no mundo, Petrópolis, Vozes, 1976, p 15.

<sup>36</sup> Cf CEC. 1996.

<sup>37</sup> BOFF, Leonardo. A graça libertadora no mundo. Petrópolis. Vozes, 1976.p 16.

## 2.4 Ser humano, criatura de Deus

Entendemos os sacramentos como presentes de Deus ao ser humano que se deixa transformar pela graça. Mas porque essa preocupação do divino para com o humano de forma tão profunda a ponto de instaurar no meio de nós, meios, para nos aproximar-mos dEle? Vejamos um pouco da história da criação e a explicação do porque Deus ama tanto o ser humano.

“No princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1,1). Criou tudo o que existe na terra, nas águas e no ar. A criação é o fundamento de “todos os desígnios salvíficos de Deus”, “é o começo da história da salvação” que culmina em Cristo. Inversamente, o mistério de Cristo é a luz decisiva sobre o mistério da criação; ele revela o fim em vista do qual, no princípio, Deus criou o céu e a terra: desde o início, Deus tinha em vista a glória da nova criação em Cristo<sup>38</sup>.

“No princípio era o Verbo... e o Verbo era Deus... Tudo foi feito por ele, e sem ele nada foi feito” (Jo 1,1- 3). O Novo Testamento revela que Deus criou tudo através do Verbo Eterno, seu Filho bem-amado. Foi nele “que foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra... tudo foi criado por Ele e para Ele. Ele é antes de tudo e tudo subsiste nele” (Cl 1,16-17)<sup>39</sup>.

E “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou, homem e mulher os criou” (Gn1, 27). O homem ocupa um lugar único na criação: ele é “a imagem de Deus”, na sua própria natureza une o mundo espiritual e o mundo material; Deus estabeleceu o homem e a mulher na sua amizade<sup>40</sup>.

Das criaturas que Deus criou, apenas ao homem foi dada a capacidade de conhecer-se, possuir-se e de doar-se livremente e entrar em comunhão com outras pessoas, e é chamado por graça, a uma aliança com o seu Criador, a oferecer-lhe uma resposta de fé e de amor:

Sendo imagem, o homem vive orientado para o próprio Deus. Assim o homem não vive olhando para Deus. Vive tendo como referência o Pai, buscando nele a vida, a palavra, a liberdade, o amor. Por sua criação, os homens são feitos como que abertos para Deus e disponíveis para entrar em diálogo e convivência com ele. São criados para serem chamados à comunhão com o Deus que é amigo, porque Deus não é insensível ao destino do homem nem seu rival, mas um Deus paterno que tem com o homem um amor sem limites, incondicional<sup>41</sup>.

---

<sup>38</sup> Cf Rm 8,18-23.

<sup>39</sup> Cf. CEC 291.

<sup>40</sup> Idem 355

<sup>41</sup> MONDIN, Batista, O Humanismo filosófico de Tomás de Aquino, Bauru, EDUSC, 1998, p28.

Deus criou o homem dotado de razão e lhe conferiu a dignidade de uma pessoa agraciada com a iniciativa e domínio de seus atos. “Deus abandonou o homem nas mãos de sua própria decisão” (Eclo 15,14) para que pudesse ele mesmo procurar seu Criador e aderindo livremente a ele, chegar à plena luz e feliz perfeição<sup>42</sup>.

Desde o primeiro instante de sua existência o homem foi chamado à comunhão e à amizade com Deus. A amizade com Deus foi oferecida antes de toda possibilidade de decisão pessoal e antes de qualquer mérito por sua parte. Porém, o homem só pode viver esta amizade como livre submissão a Deus. É o que exprime a proibição, feita ao homem de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. “A árvore do conhecimento do bem e do mal” (Gn 2,17) evoca simbolicamente o limite intransponível pelo qual o homem, enquanto criatura, deve livremente reconhecer-se dependente do Criador e respeitá-lo.

O ser humano de fato é livre para escolher seus caminhos. Podemos a cada dia optar pelo caminho de Deus ou não, mas sem deixar de perceber que cada escolha gera certas consequências.

## **2.5 Os sacramentos são sinais sensíveis, eficazes da graça.**

A presença da graça divina no sacramento não depende da santidade seja daquele que administra o sacramento, seja daquele que o recebe. A causa da graça não é o homem e seus méritos, mas unicamente Deus e Jesus Cristo. Daí dizer-se: o sacramento age “ex opere operato”, quer dizer, uma vez realizado o rito sacramental, colocados os sagrados símbolos, Jesus Cristo age e se torna presente. Não em virtude dos ritos por eles mesmos. Eles não têm poder nenhum em si mesmo. Apenas simbolizam. Mas em virtude da promessa de Deus mesmo. Caso contrário, estaríamos em plena magia. Segundo esta, os gestos sagrados possuem uma força secreta neles mesmos que atua favorável ou desfavoravelmente sobre os homens. O sacramento é profundamente diferente da magia. “Nos sacramentos,

---

<sup>42</sup> GS 42.

Deus se faz presente, eficaz e salvador e eles 'explicitam e celebram algumas facetas da amabilidade amorosa de Deus para com a vida dos homens'<sup>43</sup>.

No sacramento se crê que Deus assume os sacramentos humanos, como o pão e a água, para através deles produzir um efeito que supera as forças deles mesmos. O pão mata a fome e simboliza o aconchego familiar; na Eucaristia, Deus assume esse simbolismo e faz com que o pão sacie a fome salvífica do homem e realize a comunidade nova dos redimidos. A graça sacramental é causada por Deus mesmo. É Cristo quem batiza, quem perdoa e quem consagra. O ministro empresta-lhe os lábios indignos, empresta-lhe o braço que pode perpetuar obras más e empresta-lhe o corpo que pode ser instrumento de maldade. A graça acontece no mundo sempre vitoriosa, independentemente da situação dos homens.

O sacramento não é apenas rito. Pertence essencialmente ao sacramento o processo de conversão e de busca de Deus. O sacramento é proposta de Deus e também resposta humana. Somente na acolhida humilde do fiel o sacramento se realiza plenamente e frutifica. O homem vai descobrindo Deus e Sua graça nos gestos significativos da vida. Vai se abrindo. Vai acolhendo Seu advento. Até que na cerimônia oficial da comunidade de fé, ele celebra e saboreia essa presença divina através da fragilidade dos elementos materiais e das palavras sagradas. Após a cerimônia a graça o acompanha sob outros sinais, levando-o de busca em busca e de encontro em encontro para um derradeiro e definitivo abraço.

Sem a conversão a celebração do sacramento é ofensa a Deus. Significa jogar pérolas aos porcos, querer colocar os gestos da máxima visibilidade de Cristo no mundo sem a adequada purificação interior. Para o encontro deve-se estar com o coração na mão. Para o amor, puro. Para a festa, reconciliação. Sem o preparo, o encontro é formalismo. O amor, paixão. A festa, orgia.

Se alguém comunga, deve ser elemento de comunhão no grupo em que vive. Se alguém batiza e deixa batizar deve ser, na comunidade, testemunho de fé.

O Concílio de Trento definiu que todos os sacramentos da Nova Lei (os sete) foram instituídos por Jesus Cristo (DS 1601).

Jesus Cristo é o autor da graça sacramental. Ele se empenha nessas atuações da Igreja, como suas próprias atuações. É disso que vem a eficácia dos sacramentos<sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> MORACHO, Felix, Na escola da fé, São Paulo, Paulinas, 1983, p 318.

Desde a afirmação de que Cristo teria determinado para todos os sacramentos, não só a graça sacramental, mas inclusive os sinais exteriores para todos os sacramentos. Para o batismo e para a eucaristia, que iremos adentrar mais afinal no próximo capítulo, não é difícil chegar-se até sua instituição por Cristo, instituição no sentido de determinação da graça e das forma da celebração. Podemos dizer que os sacramentos são considerados sete graças sacramentais. Jesus confiou à Igreja a determinação desses sinais exteriores, conquanto o sinal empregado pela Igreja fosse de natureza tal a significar adequadamente a graça sacramental comunicada; isso exceto para o batismo e eucaristia.

Assim a instituição dos sete sacramentos está implicada na própria instituição da Igreja, como sacramento primordial, decorrente de Cristo. A instituição de um sacramento pode ter lugar também simplesmente pelo fato que Cristo fundou a Igreja com seu caráter de sacramento primeiro.

Os sacramentos devem imitar o que produzem e, todos, em sua estrutura septiforme, comportam uma referência simbólica ao mistério da salvação. Eles são memória, epifania e profecia. Enfim a instituição dos sacramentos é fruto de uma série de atos, gestos e palavras de Jesus Cristo. Além disso, deve-se considerar que os evangelhos não dizem tudo, e a Tradição apostólica deve ser levada em conta. Os sacramentos são instituídos por Nosso Senhor Jesus Cristo e decorrem de seu mistério, pelo fato de ele ter instituído a Igreja, seu corpo vivificado pelo Espírito, como sacramento primordial, como vimos no primeiro capítulo. E os sacramentos aparecem aí como órgãos vitais do corpo da Igreja<sup>45</sup>. Os sacramentos são sinais visíveis de uma realidade invisível, mediante os quais os cristãos podem experimentar a presença de Deus que cura, perdoa, alimenta, fortalece e capacita para amar, visto que neles age a graça de Deus.

---

<sup>44</sup> MARSILI, S. Sacramentos, in Nuevo Diccionario de Liturgia. Madrid, Paulinas, 1987, p. 1802.

<sup>45</sup> J.AUER - J. RATZINGER. Curso de Teologia Dogmática, Sacramento-Eucaristia. Tomo VI. Barcelona, Herder, 1975, p 102.

### **3. A compreensão dos Sacramentos de Iniciação: Batismo, Eucaristia e Confirmação como Graça na Igreja.**

#### **3.1 Nos Sacramentos age o próprio Cristo o qual se faz Sacramento Radical no Mistério Pascal.**

Já de início devemos nos ater ao sentido de que Jesus é Sacramento por excelência numa dimensão radical ligada à sua oblação de Cruz e sua Ressurreição envolvendo como um todo o Mistério Pascal no qual se concentra a razão de nossa fé, inclusive razão do trabalho que desenvolvo aqui. É do Mistério Pascal que brotam todos os sacramentos e nestes três especificados veremos a fundo este mistério anunciado.

No sábado Santo da Vigília Pascal, celebrada no Tríduo Pascal, por exemplo, podemos perceber o centro batismal que envolve aquela celebração tão rica. Batismo, Eucaristia e Confirmação são por excelência um resumo de dons que a Igreja nos oferece emanados da Cruz de Jesus e de sua Páscoa.

Cristo veio para estabelecer o diálogo entre o homem e o Deus Vivo. O projeto de Deus para o homem é sempre de vida digna e boa. Buscando proporcionar ao ser humano condições de participar de sua glória e da vida divina (cf 2Pd 1,4), Deus Pai, em seu infinito amor e bondade, envia seu próprio Filho, assumindo a fraqueza humana, se fez semelhante aos homens<sup>46</sup>.

Iniciação Cristã significa o processo seguido para conhecer e participar da vida da comunidade cristã que é a Igreja sobre a qual falamos acima. O homem se sente atraído por essa comunidade que lhe oferece seu mistério: o projeto de salvação que Deus realiza em Jesus Cristo. Segundo a Tradição, “iniciar nos mistérios cristãos” quer dizer “iniciação no Verbo”. Como na experiência humana e religiosa, também aqui a linguagem adequada é a simbólica.

Desde os tempos mais antigos a Igreja reconhece o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia como etapas indispensáveis da caminhada necessária para se ingressar na comunidade e, dentro dela, se vivenciar o Cristo: é por isso que estes sacramentos têm o nome de sacramentos de iniciação cristã.

---

<sup>46</sup> DV 13.

Os sete sacramentos, como expressões e alimento da fé, introduzem os homens no mistério de Cristo e da Igreja. Em sentido amplo pode-se afirmar que os sete “iniciam no cristianismo”. Há, porém, três sacramentos chamados de “iniciação”, porque se celebram no processo seguido para que o homem, movido pela palavra, professe publicamente sua fé e participe da vida da comunidade dos fiéis. Estes sacramentos são o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia.

Como vimos anteriormente foi no Concílio de Trento que se definiu solenemente os sete sacramentos cristãos por Jesus Cristo. Esta afirmação de fato é extremamente certa. Entretanto, deve ser corretamente compreendida, no sentido que Trento conferiu.

Os sacramentos são, todos um encontro com Cristo, que é, no fundo, o sacramento original. Aqui falaremos nos sacramentos de Iniciação, que introduzem na fé. O Batismo une a Cristo, a Confirmação concede-nos o seu Espírito, a Eucaristia liga-nos a Ele. Sacramentos são paradigma de comportamentos. Isso é muito importante salientar. São modelos de comportamentos.

Devemos e podemos chegar a Deus com todos os sentidos, e não apenas com a inteligência. Por isso, Deus dá-se a nós nos sinais terrenos - pão, vinho e óleo, através de palavras, unções e imposições das mãos. As pessoas viram Jesus, ouviram-no, puderam tocá-lo experimentando com isso a cura e a salvação do corpo e do espírito. Os sinais sensíveis dos sacramentos mostram esta maneira de abordar que atinge o ser humano na sua totalidade, e não apenas a cabeça<sup>47</sup>.

Jesus Cristo instituiu os sacramentos ao encaminhar a comunidade da Igreja. Inicialmente, enquanto desenvolveu sua atividade profética na Palestina, e depois da ressurreição por meio de seu Espírito. Neste sentido, os sacramentos “não são invenções da Igreja”, mas ações de Jesus em sua comunidade. A existência de verdadeiros sacramentos não precisa fundamentar-se em cada caso ou palavra (comprovável ou presumível) do Jesus histórico. A instituição de um sacramento também pode decorrer do simples fato de Cristo ter fundado a Igreja com seu caráter sacramental. Portanto, podemos falar de Cristo como autor dos sacramentos enquanto é autor do Sacramento Universal da Igreja.

Jesus confiou as suas palavras e os seus sinais a pessoas concretas, nomeadamente aos apóstolos, para as transmitir; não as entregou a uma massa anônima. Não os pôs à disposição da liberdade de qualquer um, mas reservou a sua

---

<sup>47</sup> Catecismo Jovem da Igreja Católica. 2ª Ed. Lisboa, Paulus, 2011, p. 45.



gestão a um grupo específico. Os sacramentos são para a Igreja e existem “através” da Igreja. Eles existem para ela porque o “corpo de Cristo”, que é a Igreja como já afirmamos no capítulo primeiro, precisa de ser constituído, alimentado e aperfeiçoado. Eles existem “através” da Igreja pois os sacramentos são as forças do “corpo de Cristo”, como, por exemplo nos sacramentos de iniciação que iremos aprofundar<sup>48</sup>.

Tudo é de Cristo. Não só introduziu uma coisa nova que é Ele mesmo e sua Ressurreição. Veio revelar a santidade de todas as coisas. Tudo está repleto dele, ontem, hoje e sempre. Tudo o que é verdadeiro, santo e bom já é cristão. Mesmo à luz da história do mistério de Cristo.

Celebrados dignamente na fé, os sacramentos conferem a graça que significam. São eficazes porque neles age o próprio Cristo; é Ele quem batiza, é ele quem atua nos seus sacramentos a fim de comunicar a graça significada pelo sacramento. O Pai sempre atende à oração de Igreja de seu Filho que, na epiclese de cada sacramento, exprime sua fé no poder do Espírito.

Sacramentos não são magia. Um sacramento só pode ter efeito se for entendido e recebido na fé. Os sacramentos não pressupõem apenas a fé, mas também a fortalecem e exprimem<sup>49</sup>.

A partir do momento em que um sacramento é celebrado em conformidade com a intenção da Igreja, o poder de Cristo e do Espírito age nele e por ele, no sacramento, independente da santidade pessoal do ministro. Contudo os frutos dos sacramentos dependem também das disposições de quem o recebe<sup>50</sup>.

### **3.2 Cristo como plenitude da Revelação**

O Pai revelou-nos com precisão e clareza o seu projeto de amor e salvação através de seu Filho Amado, Nosso Senhor Jesus Cristo (cf Hb 1,1-2).

Seu Filho veio iluminar toda a compreensão humana sobre Deus, ele profere de maneira clara as palavras de Deus<sup>51</sup> e consuma a obra salvífica que o Pai lhe

---

<sup>48</sup> Idem. p. 49.

<sup>49</sup> Idem. p. 74.

<sup>50</sup> CIC 1127-1129.

<sup>51</sup> Cf Jo 3,34.

confiou<sup>52</sup>. Trouxe-nos a promessa da “Nova Vida”. É o Pai que age em Jesus e através de Jesus, revelando-o como seu Filho e revelando a si mesmo como Deus da salvação.

O Concílio Vaticano II quer identificar o objeto, fato e natureza da revelação. Deus se revela com o intuito de manifestar os mistérios de sua vida divina e comunicar aos homens o seu desígnio de salvação<sup>53</sup>. Revelação esta que se dá por amor, pelo simples fato de querer que todos os homens sejam salvos. Por isso ela é ouvida e proclamada, permanece sempre viva na Igreja, graças à assistência do Espírito Santo pela Tradição e Escritura<sup>54</sup>, para que desta forma a revelação chegue até as extremidades do mundo.

Ao aderir aos sacramentos o homem entra também na metodologia da salvação, apesar de que salvação vai além dos sacramentos e não se realiza só por eles.

Podemos afirmar que Deus marcou seu encontro com o homem em todas as coisas. Nelas o homem pode encontrar Deus. Por isso todas as coisas deste mundo são ou podem ser sacramentais. Jesus de Nazaré, na sua vida, nos seus gestos de bondade, na sua morte corajosa e na sua ressurreição é chamado o sacramento por excelência. Cristo é o lugar do encontro por excelência: N’Ele Deus está de forma humana e o homem de forma divina. A fé sempre viu e acreditou que em Jesus de Nazaré morto e ressuscitado Deus e o homem se encontram numa unidade profunda, sem divisão e sem confusão.

### **3.3 Batismo: Entrada na Comunidade de Jesus Cristo.**

Após ter adentrado um pouco no sentido da Graça de Deus e a relação d’Ela com a Igreja iremos agora adentrar nos sacramentos de iniciação propriamente ditos e através de seus ritos e explanações a cerca das formas e matérias. Conseguiremos então fazer uma ligação entre: Graça, Igreja e Sacramentos.

Desde já devemos focar que todos os batizados pertencem à Igreja de Jesus Cristo. Portanto, também os batizados que se acham separados da total comunhão da Igreja Católica são com razão chamado cristãos e são, assim, nossos irmãos e

---

<sup>52</sup> Cf Jo 5,36;17,4

<sup>53</sup> RENE. Latourelle. Teologia da Revelação, São Paulo, Paulinas,1969, p. 369.

<sup>54</sup> CIC 74.

irmãs na fé. O Batismo é o caminho do reino da morte para a Vida, a porta da Igreja e a expressão sacramental de uma comunhão duradoura com Deus.

O Batismo é o sacramento fundamental e a condição prévia para todos os outros sacramentos. Ele liga-nos a Jesus Cristo, insere-nos na sua morte redentora na Cruz, libertando-nos no poder do pecado, e faz-nos ressuscitar com Ele para uma vida interminável. Visto que o Batismo é uma aliança com Deus, o batizando (ou os pais no batismo de crianças) deve aceitá-lo na liberdade<sup>55</sup>.

Para entendermos o sacramento do Batismo, devemos partir do Batismo dos adultos. No início da Igreja, só eram batizados os adultos. Até o século V, o batismo de crianças era exceção.

Aqueles que se impressionavam com a pregação sobre Jesus Cristo e eram atraídos pela vivência da comunidade cristã, pediam para serem admitidos como membros dessa comunidade.

Podemos observar que essas pessoas já tinham sido tocadas pela graça antes de serem batizadas. O Espírito Santo já operava nelas. Já haviam passado por uma “conversão”, querendo mudar de vida, deixando para trás os costumes pagãos para viver uma vida fraterna no meio da comunidade.

O Batismo era administrado depois de longa preparação. Em determinadas épocas, essa preparação levava até três anos. A Igreja conserva, desde tempos antigos, o batismo das crianças. Existe uma razão para isso: antes de nos termos decidido por Deus, já Deus se tinha decidido por nós. O batismo é, portanto, uma graça, um imerecido dom de Deus, que nos acolhe incondicionalmente. Os pais crentes, que desejam o melhor para o seu filho, desejam para ele também o batismo, em que a criança é retirada do âmbito do pecado original e do poder da morte. O batismo das crianças pressupõe que os pais cristãos introduzam o batizando na fé. É injusto negar o batismo à criança por causa de uma liberalidade mal entendida. Assim como não se pode negar o amor a uma criança. Com a justificação de que ela própria, mais tarde, se decidirá ou não pelo amor, também seria injusto que os pais crentes negassem ao seu filho a graça de Deus no batismo, assim como cada pessoa nasce com a capacidade para falar, embora tenha de aprender a língua, também cada pessoa nasce com a capacidade para crer, embora tenha de conhecer a fé. O Batismo não é, contudo, um enfeite; quando uma criança

---

<sup>55</sup> Catecismo Jovem da Igreja Católica. 2ª Ed. Lisboa: Paulus, 2011. p. 96.

recebe o batismo, ela tem de o “ratificar” mais tarde, ou seja, deve confirmá-lo, para que seja fecundo<sup>56</sup>. Sobre essa confirmação falaremos mais a frente.

No início o batismo era de submersão. Isto tinha um significado profundo: submergir na água quer dizer: afogar, morrer; morrer ao pecado, converter-se.

Mas a água não simboliza só morte. Também é sinal de vida. O batizando saía da água como um homem novo, de vida nova, a vida de Cristo Ressuscitado (cf Rm 6,3-4).

A água também simboliza o Espírito Santo (cf Jo 7,37-39) que atua no cristão.

No Batismo também nós fomos tocados pelo Espírito e inseridos em Jesus Cristo. Somos enxertados nele, assim como se enxerta uma planta (cf Rm 11,24). Jesus diz que ele é a parreira e nós somos os galhos. Assim como os galhos morrem quando são cortados do tronco, assim também nós não podemos viver sem Cristo. Ser batizado significa reviver sacramentalmente o itinerário da morte, sepultamento e ressurreição de Cristo. Para Paulo ser batizado significa pertencer ao corpo de Cristo que é a Igreja. O batizado é a “nova criatura”, o batismo é o novo nascimento.

Ser batizado é fazer uma opção de vida: optar por Jesus Cristo; viver, julgar, agir, amar como ele.

... ou não sabeis que todos os que foram batizados em Cristo Jesus, é na sua morte que fomos batizados. Portanto, pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos por meio da glória do Pai, assim também nós possamos caminhar numa vida nova” (Rm 6,4).

Sendo incorporados em Cristo, nós nos tornamos irmãos dele e filhos do Pai, de um modo novo. Podemos dizer que todo ser humano, também aquele que não é batizado, é filho, criatura de Deus, porque veio de suas mãos. Mas o batismo nos faz filhos de um modo novo, mais consciente, mais profundo. Faz-nos irmão de Cristo e por sermos irmãos dele, somos filhos do Pai pela fé e irmãos entre nós. O Batismo perdoa os pecados. Deus se esquece do que se passou, insere o homem em Cristo e espera dele, doravante, muitos frutos.

O Batismo, porta dos sacramentos, em realidade ou ao menos em desejo necessário para a salvação, pelo qual os homens se libertam dos pecados, são de novo gerados como filhos de Deus e se incorporam à Igreja, configurados com Cristo por caráter indelével, só se administra validamente

---

<sup>56</sup> Idem. p. 89.

pela ablução com água verdadeira, juntamente com a devida forma verbal<sup>57</sup>.

Na Igreja primitiva o batismo é chamado “Iluminação” e os recém-batizados “neófitos”. Foram introduzidos na vida cujo símbolo é a luz<sup>58</sup>.

O Sacramento do batismo constitui o fundamento da existência de toda a vida cristã, o pórtico da vida no Espírito e a porta que abre o acesso aos demais sacramentos. Pelo batismo somos libertados do pecado e regenerados como filhos de Deus.

Com o batismo assumimos nossa missão frente ao mundo. A missão de Jesus tem início com o seu batismo (Mc 1,9-11; Mt 3,13-17; Lc 3,21s; Jo 1,32-34). Sua missão é revelar quem é Deus. O Messias iria realizar a libertação dos pobres e oprimidos. Jesus encaminha a humanidade para uma situação de reconciliação e partilha.<sup>59</sup>

Na pessoa de Jesus, a separação que havia entre Deus e os homens se rompeu. Jesus é o servo de Javé que vai estabelecer o Reino de Deus.<sup>60</sup> Para Mateus, Jesus veio para cumprir toda justiça, isto é, realizar plenamente a vontade de Deus e seu desígnio salvador. João coloca Jesus como aquele que inaugura a nova criação, é o servo de Deus anunciado pelos profetas, é o verdadeiro cordeiro que substitui o cordeiro pascal dos judeus. Jesus é o Mestre, o Messias, o Filho de Deus<sup>61</sup>.

### **3.3.1 O batismo de Jesus Cristo e a Graça de nosso batismo**

Na Bíblia lemos que Jesus também foi batizado. Os evangelistas mostram assim a missão de Jesus. Lembram os textos do Antigo Testamento (cf Is 42) e veem no Batismo de Jesus a realização dessas profecias. Jesus é aquele servo de Javé que vai servir até à morte.

O verdadeiro batismo de Jesus é a sua morte, doação total ao Pai e aos homens. Assim deve ser para nós o Batismo: sinal do Batismo final, a nossa morte. Sinal da nossa missão: servir até o fim. O Batismo é o início; a morte a consumação.

---

<sup>57</sup> CIC 849.

<sup>58</sup> FORTE, Bruno. Introdução aos Sacramentos. São Paulo: Paulus, 1996. p. 74.

<sup>59</sup>Cf nota em Bíblia Edição Pastoral - Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1990. Lc 4,14-21.

<sup>60</sup> Idem, Mc 1, 9-11.

<sup>61</sup> Cf Jo 1, 32-51.

Como no batismo de Jesus, também no batismo da Igreja ouvimos a voz que nos diz: “Tu és meu filho”. Neste sacramento recebemos o Espírito que nos permite invocar a Deus como Pai. É o novo nascimento da graça. Todo esforço moral do batizado e sua generosa resposta se situam no interior e como fruto da graça batismal. A oração do cristão será o “Pai Nosso”, como seu batismo de cada dia.

A celebração batismal proclama simbolicamente que Deus, por amor, liberta, purifica e dá a vida<sup>62</sup>.

Com o batismo de Jesus no Jordão, o Espírito que pairava sobre as águas da primeira criação, desce então sobre Cristo, preludiando a nova criação, e o Pai manifesta Jesus como seu ‘filho amado’ (Mt 3,16-17).

A água é referida por Cristo como sinal da realidade da salvação. “Mas aquele que beber a água que eu vou dar esse nunca mais terá sede. E a água que eu lhe darei, vai tornar-se dentro dele uma fonte de água que jorra para a vida eterna” (Jo 4,14).

Mas foi na páscoa que Cristo abriu a todos os homens as fontes do batismo. O sangue e água que escorreram do transpassado de Jesus crucificado (Jo 19,34) são tipos do batismo e da eucaristia, sacramentos da vida nova<sup>63</sup>: desde então é possível nascer da água e do Espírito para entrar no Reino de Deus (Jo3,5).

A partir de Pentecostes, a Igreja celebrou e administrou o santo Batismo. Com efeito, em sua pregação São Pedro declara a multidão que o escutava: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para a remissão dos vossos pecados. Então receberéis o Dom do Espírito Santo” (At 2,38).

Antes da sua ascensão, Jesus manda seus discípulos a batizarem as pessoas afim de que se tornem novas criaturas e possam gozar novamente da filiação divina (Mt 28,19); em Marcos (16,15-16) o batismo sempre aparece ligado à fé: “Vão pelo mundo inteiro e anunciem a Boa Nova para toda a humanidade. Quem acreditar e for batizado será salvo” e em João (3,5-8) no discurso com Nicodemos, Jesus diz que é necessário ser batizado para entrar no Reino de Deus.

---

<sup>62</sup>KERSTIENS, Ferdinand. Vinho novo em odres velhos. Sacramentos da Libertação. Petrópolis, Vozes, 1984. p. 93.

<sup>63</sup>Cf 1Jo 5, 6-8.

### 3.4 Eucaristia: Raiz e Centro da Vida Cristã na refeição.

A Eucaristia toma um lugar central na celebração dos sacramentos. Todos os sacramentos estão voltados para ela e encontram nela sua fonte e seu ponto culminante. É a raiz e o centro da comunidade cristã. Não podemos falar em Eucaristia como sacramento em contrariedade com a celebração Eucarística.

A Celebração Eucarística é a ação do próprio Cristo e da Igreja, na qual, pelo ministério do sacerdote, o Cristo Senhor, substancialmente presente sob as espécies de pão e vinho, se oferece a Deus Pai e se dá como alimento espiritual aos fiéis à sua oblação. No banquete eucarístico o povo de Deus é chamado a reunir-se sob a presidência do Bispo ou, por uma autoridade, do presbítero, que faz as vezes de Cristo, unem-se na participação todos os fiéis presentes, clérigos ou leigos, cada um a seu modo, segundo a diversidade de ordens e funções litúrgicas. A celebração eucarística se ordene de tal maneira que todos os participantes recebam os muitos frutos, para cuja obtenção Cristo Senhor instituiu o Sacrifício eucarístico<sup>64</sup>.

Para entender toda a riqueza da Eucaristia, devemos olhar a Bíblia, tanto o Antigo Testamento como o Novo Testamento. Na Bíblia, a refeição é sinal de amizade, hospitalidade, paz e perdão, presença de Deus. É sinal da Aliança de Deus com seu povo: é sinal do Reino. Toda refeição tem algo de sagrado.

Por isto, os judeus sob o regime da Lei antiga, não podem tomar a refeição com os pecadores ou pessoas de outra religião. Como alguém que não é amigo de Deus pode sentar-se à mesa onde Deus está no meio dos seus amigos?

Nos evangelhos percebemos que também para Jesus a refeição é muito importante. Para ele, cada refeição é celebração da vinda do Reino, da alegria que haverá de vir. Até depois da ressurreição, Jesus se dá a conhecer através de refeições.

"Jesus toma refeição com os pecadores, causando grande escândalo aos judeus. Mas ele faz questão de fazê-lo para mostrar que o Reino de Deus, do qual a refeição é símbolo, é também para os pecadores."

A Eucaristia é um banquete, uma refeição sagrada, e as refeições sagradas são atos éticos, pois, a distribuição adequada dos bens terrestres entre os membros do grupo e, sobretudo, entre os mais fracos, como as crianças, os enfermos e os velhos, consolida o valor da responsabilidade dos usufrutuários da terra, e que Deus é o único proprietário<sup>65</sup>.

<sup>64</sup> Catecismo da Igreja Católica, São Paulo, Loyola, 2000, n.899.

<sup>65</sup> ROSATO, Philip J. Introdução à Teologia dos sacramentos. São Paulo: Loyola, 1999, pág 73.

Também a Eucaristia é um sinal do Reino. É o banquete que antecipa a alegria do Reino, a união, a paz, com Deus e com os irmãos, a fraternidade e a partilha”<sup>66</sup>.

Já no Antigo Testamento pão e vinho eram símbolos do Reino de Deus. Jesus toma esses símbolos para celebrar sua refeição conosco. Em João 6, Jesus se chama o “Pão da vida”, dizendo que ele mesmo é o Pão da Vida. João quer dizer também que é necessário “assimilar” Cristo em nossa vida, fazer o seu programa de vida: doação ao Pai, aos irmãos; morrer com Cristo para poder ressuscitar com ele.

No meio de tantas refeições, a última refeição do Senhor toma lugar todo especial. É a refeição da despedida e, ao mesmo tempo, a sua ordem: Façam isto em memória de Mim.

No tempo de Jesus, cada refeição tinha uma ligação com Deus. Celebrava a presença de Deus no meio de seus amigos, anunciando o Reino. Cada refeição começava com uma oração, pronunciada pelo pai de família (ou algum hóspede indicado por ele). O Pai tomava o pão; levantando-o pronunciava uma oração. Os presentes respondiam, dizendo “amém”. Em seguida, o pai repartia o pão, dando um pedacinho a cada um e todos, ao mesmo tempo, comiam o pão. Este se chamava o pão da bênção. Comendo juntos, expressavam sua adesão às palavras do Pai.

Depois da refeição, recitava-se uma oração de agradecimento. O pai levantava o “cálice da bênção” e pronunciava uma oração. Os presentes respondiam novamente “amém” e todos bebiam do cálice que passava entre eles. Conforme os evangelistas sinóticos, a última ceia foi uma ceia pascal. Todos os anos, os judeus celebravam sua libertação da escravidão do Egito na festa da Páscoa. Naquela festa preparava-se uma refeição, acompanhada de cantos, orações e leituras. Era uma ação de graças, um ato de louvor a Deus pelos benefícios, especialmente a libertação. Comemorava-se também a aliança concluída no Monte Sinai quando deu a Lei a seu povo. A ceia pascal seguia as prescrições como estão no livro do Êxodo.

Fazia parte do ritual a explicação que o pai dava aos presentes sobre o sentido da ceia. Ele devia explicar também o sentido do cordeiro, das ervas amargas e do pão ázimo. O cordeiro lembrava a libertação do Egito, ocasião em que Deus poupou as casas cujos umbrais tinham sido aspergidos com o sangue do cordeiro

---

<sup>66</sup> CNBB, Eucaristia vida que se celebra. Para viver melhor o mistério da Eucaristia na vida. São Paulo: Paulinas, 2000.



pascal. As ervas amargas lembravam a amargura da escravidão e o pão ázimo a pressa com que o povo saíra do Egito, não tendo de esperar o pão fermentar.

Assim como o pai explicava tais simbolismos, também Jesus explicou o novo sentido do pão e do vinho. Depois de tomar o pão em suas mãos e pronunciar a bênção, Jesus repartiu o pão e deu uma parte a cada um dos seus discípulos, dizendo: “Isto é o meu corpo, que é dado por vocês”. Na língua dos judeus, “corpo” significa a pessoa toda, Jesus quis dizer: “Sou eu que vou ver crucificado por vocês”. No fim da ceia tomou o vinho e explicou o sentido: “Este vinho é o sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vocês”. Assim como o sangue do cordeiro libertou os israelitas da escravidão, o sangue de Cristo libertará da escravidão do pecado. Assim como o sangue dos animais oferecidos a Deus selava a Aliança no monte Sinai (Ex 24,8), o sangue de Cristo selará a Nova Aliança concluída na Cruz.

As primeiras comunidades cristãs se reuniam frequentemente para a fração do pão, especialmente aos domingos. Repetiam os gestos de Jesus e celebravam assim a morte do Senhor ressuscitado. Na Bíblia, comemorar, celebrar, sempre quer dizer: trazer o passado para o presente. Cada ceia pascal não somente lembrava a libertação, mas trazia essa libertação para a atualidade. Assim também a celebração da morte do Senhor traz o sacrifício de Cristo para o presente. O sacrifício de Cristo é único. Mas, em cada celebração da Eucaristia, comemoramos e se torna atual o sacrifício de Cristo, para que nós, conscientemente, participemos da doação de Jesus e vivamos de sua força. É o sentido da comunhão: comer o corpo e beber o sangue do Senhor, unindo-nos assim a Cristo no seu ato de extrema doação.

Os primeiros cristãos usavam a expressão “Eucaristia”. É uma palavra grega que quer dizer: “Ação de Graças”. Também usavam a expressão: fração do pão e Ceia do Senhor<sup>67</sup>. Resumindo, podemos dizer com Inês Broshuis que:

A Eucaristia é: um ato de louvor e de agradecimento ao Pai pelos benefícios recebidos em Cristo; comemoração, recordação eficaz, do sacrifício da Nova Aliança; celebração da presença do Senhor Ressuscitado no meio da sua comunidade e sinal do Reino que deve ser anunciado e construído por nós<sup>68</sup>.

---

<sup>67</sup>GIRAUDO, Cesare. Redescobrimo a Eucaristia. São Paulo, Loyola, 2002, p. 124.

<sup>68</sup>BROSHUIS, Inês. Sinal do Reino, Petrópolis: Vozes, 1995, p.56.

Tendo amado os seus, o Senhor amou-os até o fim. Sabendo que chegara a hora de partir deste mundo para voltar ao Pai, no decurso de uma refeição lavou-lhes os pés e deu-lhes o mandamento do amor. Para deixar-lhes uma garantia deste amor, para nunca se afastar dos seus e para fazê-los participantes de sua Páscoa, instituiu a Eucaristia como memória da sua morte e da sua ressurreição, e ordenou aos seus apóstolos que a celebrassem até à sua volta, “constituindo-os então sacerdotes do Novo Testamento”.

Os três Evangelhos sinóticos e São Paulo nos transmitiram o relato da instituição da Eucaristia; por sua vez, João nos relata as palavras de Jesus na sinagoga de Cafarnaum palavras que preparam a instituição da Eucaristia: Cristo designa-se como o pão da vida, descido do céu.

Jesus escolheu o tempo da Páscoa para realizar o que tinha anunciado em Cafarnaum: dar aos seus discípulos seu Corpo e seu Sangue:

Veio o dia dos Ázimos, quando devia ser imolada a Páscoa. Jesus enviou então Pedro e João, dizendo: “Ide preparar-nos a Páscoa para comermos”... Eles foram (...) e prepararam a Páscoa. Quando chegou a hora, ele se pôs à mesa com seus apóstolos e disse-lhes: “Desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco antes de sofrer; pois eu vos digo que já não a comerei até que ela se cumpra no Reino de Deus”... E tomou um pão, deu graças, partiu-o e distribuiu-o a eles dizendo: “Isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em minha memória”. E, depois de comer, fez o mesmo com o cálice dizendo: “Este cálice é a nova aliança em meu sangue, que é derramado em favor de vós” (Lc 22,7-20).

Ao celebrar a Última Ceia com seus apóstolos durante a refeição pascal, Jesus deu o sentido definitivo à Páscoa judaica. Com efeito, a passagem de Jesus a seu Pai pela sua Morte e Ressurreição, a Páscoa nova é antecipada na ceia e celebrada na Eucaristia que realiza a Páscoa judaica e antecipa a Páscoa nova, é antecipada a Páscoa final da Igreja na glória do Reino<sup>69</sup>.

A reprodução sacramental na Santa Missa do sacrifício de Cristo coroado pela sua ressurreição implica uma presença muito especial, que – para usar palavras de Paulo VI, expressando a Tradição da Igreja, “chama-se real”, não a título exclusivo, como se as outras presenças não fossem “reais”, mas por excelência, porque é substancial, e porque por ela se torna presente Cristo completo, “Deus e

---

<sup>69</sup>CEC 1340

homem”. Reafirma-se assim a doutrina sempre válida do Concílio de Trento: “Pela consagração do pão e do vinho opera-se a conversão de toda a substância do corpo de Cristo, nosso Senhor, e de toda a substância do vinho na substância de seu sangue; a esta mudança, a Igreja católica chama, de modo conveniente e apropriado, usando a terminologia escolástica, transubstanciação”. Verdadeiramente a Eucaristia é *mysterium fidei*, mistério que supera os nossos pensamentos e só pode ser aceito pela fé, como lembram frequentemente as catequeses patrísticas sobre este sacramento divino. “Não há de ver, exorta São Cirilo de Jerusalém, o pão e o vinho (consagrados) simplesmente como elementos naturais, porque o Senhor disse expressamente que são o seu corpo e o seu sangue: a fé o assegura a ti, ainda que os sentidos possam sugerir-te outra coisa”.

“Adoro-te devote, latens Deitas”: continuaremos a cantar com Santo Tomás, o Doutor Angélico. Diante deste mistério de amor, a razão humana experimenta toda a sua limitação. Compreende-se como, ao longo dos séculos, esta verdade tenha estimulado a teologia a árduos esforços de compreensão.

São esforços louváveis, tanto mais úteis e incisivos se capazes de conjugarem o exercício crítico do pensamento com a “vida de fé” da Igreja, individuada especialmente “no carisma da verdade” do Magistério e na “íntima inteligência que experimentam das coisas espirituais”, sobretudo os Santos. Permanece o limite apontado por Paulo VI:

Para estar de acordo com a fé católica, toda explicação teológica que queira penetrar de algum modo neste mistério deve assegurar que em sua realidade objetiva, independentemente do nosso entendimento, o pão e o vinho deixaram de existir depois da consagração, de modo que a partir desse momento são o corpo e o sangue adoráveis do Senhor Jesus que estão realmente presentes diante de nós sob as espécies sacramentais do pão e do vinho.

A eficácia salvífica do sacrifício realiza-se plenamente na comunhão, ao recebermos o corpo e o sangue do Senhor. O sacrifício eucarístico está particularmente orientado para a união íntima dos fiéis com Cristo por meio da comunhão: recebemo-lo a ele mesmo que se ofereceu por nós, seu corpo entregue por nós na cruz, seu sangue “derramado por muitos em remissão dos pecados” (Mt 26,28). Recordemos suas palavras: “Como o Pai que vive, me enviou, e eu vivo por meio dele, assim viverá, por meio de mim, quem de mim se alimenta” (Jo 6,57). O

próprio Jesus nos assegura que tal união, por ele afirmada em analogia com a união da vida trinitária, se realiza verdadeiramente.

“A Eucaristia é verdadeiro banquete, onde Cristo se oferece como alimento. A primeira vez que Jesus anunciou este alimento, os ouvintes ficaram perplexos e desorientados, obrigando o Mestre a insistir na dimensão real de suas palavras: “Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós” (Jo 6,53). Não se trata de alimento em sentido metafórico, “pois minha carne é verdadeira comida e meu sangue é verdadeira bebida”. (Jo 6,55)<sup>70</sup>.

O banquete pascal que Cristo celebra com seus apóstolos representa a antecipação sacramental da passagem de Cristo deste mundo para o Pai, é o êxodo da salvação que se renova em nós e por nós.

“O sacrifício de Jesus na cruz recapitula em si toda a história dos sacrifícios, dos primórdios do mundo à economia sacrificial de Israel, a eucaristia é o sacrifício que expressa e leva a termo todos os sacrifícios da humanidade em busca de Deus”<sup>71</sup>.

Se não há outro sacrifício ao lado do único sacrifício de Jesus: “De fato, com esta única oferenda, levou à perfeição, e para sempre, os que ele santifica” (Hb 10,14).

Se não há outro sacrifício oferecido a Deus, a Eucaristia não pode ser outro sacrifício, mas faz memória e torna presente este sacrifício. Em sua morte de cruz, Jesus se ofereceu na fé e na obediência a seu Pai. Ao fazer o memorial da cruz, a Igreja atualiza e renova esta oferta de Jesus, e ela própria participando da cruz de Jesus se oferece com Ele. É o mesmo sacrifício estendido a nós para que possamos dele participar.

Cristo está realmente presente na Eucaristia. Parte das fórmulas evangélicas: Isto é meu corpo, este é o cálice do meu sangue. Quando Jesus diz: “Isto é meu corpo”, quer dizer realmente que seu corpo está presente no pão, ao receber o pão consagrado recebemos o próprio corpo de Cristo, tal como está existindo agora, depois da ressurreição. Depois da ressurreição os corpos são espiritualizados e não são limitados pelo espaço. É certo que depois da consagração o pão e o vinho conservam ainda o mesmo aspecto. A Teologia tradicional chama isso de acidentes do pão e do vinho. Acidente é tudo o que podemos alcançar através dos sentidos,

<sup>70</sup> João Paulo II, Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia, Sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja. São Paulo, Paulus, 2003.

<sup>71</sup> ROCCHETTA, Carlo. Os sacramentos da fé. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 298.

tudo o que aparece, entretanto, embora que se realiza através da consagração e epiclesse. As palavras pronunciadas por Cristo na última ceia, o sacerdote as torna falando em nome do próprio Cristo, por delegação direta do Cristo. Para ser fiel à antiga Tradição da Igreja, é mister afirmar duas coisas: - que a narração das palavras da instituição da eucaristia na última ceia são indispensáveis; - que é o Espírito Santo e não uma força milagrosa dos sacerdotes que realiza a conversão do pão e do vinho no corpo e no sangue do Senhor.

A presença real de Cristo permanece enquanto duram as espécies sacramentais. Se o pão apodrecer ou se o vinho se tornar vinagre desaparecerá a presença de Cristo.

A Eucaristia é o verdadeiro memorial de Jesus e sendo assim podemos após perceber tanta riqueza afirmar a Graça de Deus para nós neste santo sacramento.

### **3.4.1- A Eucaristia faz a Igreja Comunidade de Amor.**

Podemos afirmar que “a Igreja vive da Eucaristia. Esta verdade não exprime apenas uma experiência diária de fé, mas contém em síntese o próprio núcleo do mistério da Igreja”<sup>72</sup>.

A Eucaristia é o sacramento da unidade e do serviço aos irmãos. Comer o pão e beber o vinho consagrados é comer e beber a vida de Jesus Cristo, para que possamos prolongar em nós sua missão. “A Eucaristia reúne a comunidade para participar da vida de Jesus e, ao mesmo tempo cria, por isso mesmo, comunidade entre os homens”.<sup>73</sup> A Eucaristia constrói a Igreja. A Eucaristia é presença real de Cristo como vimos antes; presença verdadeira. Quando comungamos participamos da sua vida no mesmo Espírito de amor ao Pai e no serviço aos irmãos, diz o São João Paulo II.

“Nos sinais humildes do pão e do vinho transubstanciados em seu corpo e sangue, Cristo caminha conosco como nossa força e nosso viático, e torna-nos testemunhas de esperança para todos.”<sup>74</sup>

Na celebração da Eucaristia a Igreja renova a oferta de Jesus, renova e oferece ao Pai a fé e a obediência de seu filho. Assim, ela própria participa da Cruz de Jesus e se oferece com Ele. É o sacrifício em forma de sacramento.

---

<sup>72</sup> (Ecclesia de Eucharistia,1)

<sup>73</sup> Idem, 24.

<sup>74</sup> Idem, 62.

A Eucaristia é força para o indivíduo e para a comunidade. Na presença real de Cristo nos abrimos para uma vida de seguimento, de comunhão, de imitação, contra toda forma de exploração e morte, até a perseguição e a Cruz, e, finalmente, até a Ressurreição. A Eucaristia é a experiência da páscoa realizada, do Reino definitivo. É a memória, é esperança. Noz diz São João Paulo II enquanto Papa:

“A Eucaristia é um tesouro inestimável: não só a sua celebração, mas também o permanecer diante dela fora da Missa permite-nos beber na própria fonte da graça. Uma comunidade cristã que queira contemplar melhor o rosto de Cristo, segundo o espírito que sugeri nas Cartas Apostólicas *Novo Millennio ineunte* e *Rosarium Virginis Mariae*, não pode deixar de desenvolver também este aspecto do culto eucarístico, no qual perduram e se multiplicam os frutos da comunhão do corpo e sangue do Senhor”.

“...Nos sinais humildes do pão e do vinho transubstanciados em seu corpo e sangue, Cristo caminha conosco como nossa força e nosso viático, e torna-nos testemunhas de esperança para todos. Se a razão experimenta seus limites diante deste mistério, o coração, iluminado pela graça do Espírito Santo, intui bem como comportar-se entranhando-se na adoração e em um amor sem limites.

Façamos nossos os sentimentos de Santo Tomás de Aquino, teólogo exímio e ao mesmo tempo cantor apaixonado de Jesus eucarístico, e deixemos que nosso espírito se abra também em esperança à contemplação da meta pela qual suspira o coração, sedento como é de alegria e de paz:

Bom Pastor, pão da verdade,  
Tende de nós piedade,  
Conservai-nos na unidade,  
Extingui nossa orfandade  
E conduzi-nos ao Pai.  
Aos mortais dando comida,  
Dais também o pão da vida:  
Que a família assim nutrida  
Seja um dia reunida  
Aos convivas lá do Céu.<sup>75</sup>

---

<sup>75</sup> João Paulo II, Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, Sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja. São Paulo, Paulus / Loyola, 2003, n. 25 e 62.

### 3.4.2 - Eucaristia: sinal da esperança de vida eterna.

“Quem come meu corpo e bebe meu sangue, ainda que morra viverá”. Essas são as palavras pronunciadas por Jesus no evangelho de João 6, 57.

“Jesus ressuscitou verdadeiramente dos mortos, e ressuscitará também os justos no último dia. A Ressurreição de Cristo e nossa é obra da Santíssima Trindade”.<sup>76</sup> Esse fato, a ressurreição dos mortos, é a fundamental característica para a fé cristã. Jesus é ao mesmo tempo protótipo da redenção plena e causa eficiente da ressurreição de todos (CI 1,18).<sup>77</sup>

A ressurreição dos mortos foi revelada progressivamente por Deus a seu povo. Já no Antigo Testamento, os mártires macabeus a confessaram (2 Mc 7,14), e Jesus a ensina com firmeza. A fé na ressurreição baseia-se na fé em Deus, que “não é um Deus dos mortos, mas dos vivos” (Mc 12,27). Quem acredita no Cristo, ressuscitará com Ele, como Ele e por Ele<sup>78</sup>.

Que é ressuscitar? Na morte (separação da alma e do corpo), o corpo do homem cai na corrupção, e a sua alma vai ao encontro de Deus, ficando à espera, sem a submissão às categorias de tempo e espaço, de ser novamente unida ao seu corpo glorificado. Deus na sua onipotência restituirá definitivamente a vida incorruptível aos nossos corpos, unindo-os às nossas almas, pela virtude da Ressurreição de Jesus. Quem ressuscitará? Todos os que morreram ressuscitaram, os que fizeram o bem para a vida, os que tiveram feito o mal, para o julgamento (Jo 5,29).

Cristo ressuscitou com o seu próprio corpo, mas Ele não voltou à vida terrestre. Da mesma forma, Nele, “todos ressuscitaram com seu próprio corpo. Porém este corpo será transfigurado em corpo de glória” (FI 3,21), em seu “corpo espiritual” (1 Cor 15,44). De uma maneira que ultrapassa a nossa imaginação e entendimento, sendo acessível só na fé. A participação na Eucaristia, já nos dá um antegozo da transfiguração do nosso corpo pelo Cristo. Ressuscitaremos definitivamente no “último dia” (Jo 6,9-40); “No fim do mundo” (Lc 6,48). A ressurreição dos mortos está intimamente associada à Parusia de Cristo<sup>79</sup>.

Jesus nos mostra esta esperança. Com Ele o prazo da espera se completou. O Reino veio! (Mc 1,14).

---

<sup>76</sup> CEC 988-989.

<sup>77</sup> SCHMAUS, Michael. A fé da Igreja, Petrópolis: Vozes, 1977, vol 6, p. 180.

<sup>78</sup> CEC 992- 995.

<sup>79</sup> CIC 997-1001.

“Realmente, diante dele a novidade acontece: pecados são perdoados, doentes são curados, tempestades são acalmadas, fomes são saciadas, espíritos imundos são exorcizados e a morte é vencida.”<sup>80</sup>

“Cristo é a nossa esperança (Col 1,27). Ele realizou aquilo que para nós é ainda esperança. Não vemos o que esperamos. Mas somos o corpo daquela Cabeça na qual se concretizou aquilo que esperamos.”<sup>81</sup>

### **3.5 - Confirmação: O Sacramento do Espírito.**

Quando a gente está numa roda e aparece uma pessoa que acaba de tomar banho, logo se percebe. O perfume, aquele cheirinho agradável, logo vai tomando conta do lugar. E indica que aquela pessoa acaba de passar por um banho. Pelo perfume, a pessoa faz sentir a sua presença naquele lugar e grupo.

O sacramento da confirmação é conferido pela unção do crisma na fronte, a qual se faz pela imposição da mão e pelas palavras prescritas nos livros litúrgicos aprovados. O crisma (óleo) a se utilizar no sacramento da confirmação deve ser consagrado pelo Bispo, mesmo que o sacramento seja administrado por um presbítero<sup>82</sup>.

No sacramento da Crisma ou Confirmação se faz o gesto de ungir a pessoa com óleo perfumado (o crisma) como vimos na citação acima. Não é qualquer óleo que se usa, mas óleo perfumado. O que se quer então dizer com este gesto?

Em sua segunda carta aos Coríntios, São Paulo fala que, pelos cristãos, Deus espalha por toda parte o perfume do conhecimento de Cristo (Cf 2 Cor 2,14). Em toda parte onde o cristão estivesse devia-se se sentir “cheiro de cristão”. Que cheiro é esse? É o amor, a bondade, a alegria, a justiça, a obediência à Palavra de Deus, o respeito às pessoas. Esse é o odor do cristão, porque é o odor de Cristo. Pela sua atitude o cristão dá testemunho de Cristo. Isso acontece pela força que o Espírito Santo nos dá. É graça. Ninguém consegue essa força, se Deus não a dá. Por isso no sacramento da crisma se festeja esse presente de Deus.

---

<sup>80</sup> BOFF, Leonardo. Vida para além da morte. São Paulo, Vozes. 1991. p. 22.

<sup>81</sup> Santo Agostinho. Sermões (157,3).

<sup>82</sup> CIC, 880.



Somos ungidos com óleo perfumado. A Bíblia conta de três classes de pessoas que antigamente eram ungidas: os sacerdotes, os reis e os profetas. Jesus é chamado com o “sobrenome” de Cristo. Na língua grega significa “ungido”. É como se a gente dissesse: Jesus Ungido em vez de Jesus Cristo. Isso porque ele é sacerdote, rei e profeta. Foram três maneiras de ele viver sua vida. É fazendo o mesmo que espalhamos o perfume de Jesus.

Esse é o perfume que o cristão espalha por todos os lugares, o testemunho que ele dá de Jesus Cristo. O cristão recebe a unção, é também um ungido. Pela Crisma, somos ungidos no “Ungido”.

Com isso a gente vê que o fato importante festejado na crisma é o mesmo do batismo: a conversão, a passagem dos ídolos ao Deus verdadeiro. Ao celebrar esta conversão, por graça de Deus e pela força do Espírito Santo, participamos do mistério pascal de Cristo. Tomamos parte na sua passagem da morte para a vida (Ressurreição), na sua volta ao Pai (Ascensão) e no dom do Espírito Santo, que a nos envia em missão (Pentecostes). É tão importante a participação no mistério pascal pelo dom do Espírito Santo, que a comunidade a celebra numa festa especial: o sacramento da crisma. Porque é pela força e pela ação do Espírito Santo que o cristão e a comunidade cristã dão testemunho de Jesus Cristo, têm ‘o cheiro de Cristo’.

Na Bíblia, descobrimos que o Espírito Santo tem uma dupla função: a de dar a vida ou suscitar a vida e a de levar a vida até sua perfeição. Assim também pelo Batismo, o Espírito Santo nos concede a vida divina, e no sacramento da Crisma recebemos o Espírito Santo para chegarmos à perfeição. É necessário salientar que:

A necessidade salvífica dos sacramentos não significa que sem eles Deus não se auto comunique ao ser humano em graça, sobretudo em graça, mas sim que os sacramentos são necessários como celebração explícita da gratuidade do dom de Deus em Cristo que o Espírito faz presente em todo bem que qualquer pessoa faz. Os sete sacramentos o celebram na comunidade eclesial, Corpo Vivo do Ressuscitado<sup>83</sup>.

Portanto, a Crisma não é só o Sacramento que nos faz soldados de Cristo, não é apenas o Sacramento do testemunho ou do apostolado, não é o Sacramento da idade adulta, mas o Sacramento do Espírito Santo que nos dá a força para podermos chegar à perfeição, à santidade, vivendo em todas as circunstâncias de

---

<sup>83</sup> TABORDA, Francisco. Sacramento, práxis, festa: para uma teologia latino-americana dos sacramentos. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 191.

nossa vida, no trabalho, na saúde e nas enfermidades, nas alegrias e nas tristezas, na construção do mundo. É um sacramento que perdura a vida toda, pois nunca chegaremos ao final do caminho da perfeição. Todas as vezes que nos encontramos em alguma dificuldade em nossa vida, nossa vocação cristã podemos pedir e obter a força do Espírito Santo. No dia de nossa confirmação estabeleceu-se uma aliança entre Deus e nós neste sentido.

A palavra confirmação tem o sentido de tornar firme e forte. Esse nome apareceu pela primeira vez no Concílio de Orange (ano 441). Apoiar-se no texto de Paulo: “Quem nos confirma a nós e a vós em Cristo, e nos consagrou, é Deus. Ele nos marcou com o seu selo e deu aos nossos corações o penhor do Espírito” (2Cor 1,21-22).

A comunidade, onde os cristãos se unem e reúnem, é o espaço onde tudo isto se realiza. Sem comunidade unida e solidária não há testemunho de Jesus Cristo. O próprio Jesus o expressa na sua oração ao Pai: “que todos sejam um para que o mundo creia que Tu me enviaste” (Jo 17,21).

Como em Pentecostes, o crismado é convocado a exprimir sua fé no testemunho do Reino. A festa da Crisma é a festa do Espírito agindo na Igreja. Esse sacramento acentua o envio, a missão. A Crisma é um começo e não um ponto de chegada. Manifesta-se assim seu caráter de iniciação.

Para entendermos melhor sobre o sacramento da Crisma podemos voltar em sua história.

Nos primeiros séculos do cristianismo, Batismo, Crisma e Eucaristia que focamos aqui neste trabalho, constituíam na Igreja uma unidade. Como já vimos, são chamados Sacramentos da Iniciação pelos quais o novo cristão se integrava na comunidade dos seguidores de Cristo<sup>84</sup>.

Na Igreja Oriental, até hoje, Batismo, Crisma e Eucaristia constituem uma unidade inseparável. A separação na Igreja Latina se deu por razões de ordem prática, não de ordem teológica. O cristianismo propagou-se principalmente nas cidades. Cada comunidade urbana era presidida pelo bispo, auxiliado por seu presbitério e pelos diáconos. No Batismo-Crisma, os presbíteros, diáconos e diaconisas batizavam, enquanto os bispos realizavam a unção pós-bastimal.

---

<sup>84</sup> FORTE, Bruno. Introdução aos Sacramentos. São Paulo: Paulus, 1996, p. 110.

A celebração se realizava na Vigília da Páscoa. À medida que o cristianismo se expandia pelas regiões rurais, tornava-se impossível a presença do bispo nas celebrações da Vigília nas paróquias. Havia duas possibilidades de solucionar o impasse: delegar toda a celebração ao presbítero ou deixar a unção por parte do bispo para outra oportunidade, quando a pessoa viesse à cidade ou o bispo visitasse as comunidades. A Igreja do Oriente preferiu a primeira alternativa e a Igreja Latina, a segunda solução.

Com a separação perdeu-se, na Igreja Latina, ao passar dos séculos, a consciência da unidade dos três sacramentos. Quando, no século XII, se inicia a reflexão explícita sobre os sete sacramentos, a teologia busca o sentido para a Crisma, sem levar em conta a sua unidade com o Batismo e a Eucaristia. Aparecem duas perspectivas: a primeira (século V) afirma que a graça específica da Crisma consiste em tornar-se soldado de Cristo. A Crisma será, então, a investidura do cavaleiro de Cristo (daí o conhecido “tapa” que o bispo dava no rosto do crismado depois de ungi-lo). A outra (século IX) vê o específico da Crisma na capacitação para a profissão de fé pública e para o testemunho.

Há ainda outra modalidade, também tradicional, de explicar a Crisma. Há fases etárias e circunstâncias na vida humana que são experimentadas como decisivas ou perigosas. Todas as religiões as ritualizam. Tais o nascimento, a puberdade, a idade adulta, o casamento, a morte... Muitos talvez considerem mais fácil explicar a Crisma a partir da fase de idade em que hoje é administrada. Encontram apoio em Santo Tomás de Aquino.

Na pastoral da Igreja Latina, a separação entre Batismo e Crisma, introduzida por razões práticas, acentuou-se com a generalização do Batismo de crianças e tornou-se ainda pela prática da Primeira Comunhão de crianças, introduzida por Pio X, em 1910. Por motivos pastorais, em vez da ordem dos sacramentos da iniciação (Batismo - Crisma - Eucaristia), dá-se normalmente uma ordem diferente (Batismo - Penitência - Eucaristia - Crisma). No Batismo de adultos, segue-se, normalmente, a ordem original: Batismo-Crisma- Eucaristia<sup>85</sup>.

---

<sup>85</sup> CNBB. Orientações para a catequese da Crisma. Estudos da CNBB n.61, São Paulo, Paulinas, 1989.

### 3.5.1 Jesus anuncia o Espírito que unifica.

Quando falamos em sacramentos já de início devemos elencar que é pelo Espírito Santo que tudo acontece. Sem o Espírito Santo os sacramentos não seriam possíveis entre nós, assim como a Graça de Deus. Ele é o mediador da Graça por excelência. Falando na Confirmação então enalteçemos ainda mais a presença desse Espírito, até porque é o sacramento mais configurado a Ele. Vamos abaixo entender mais um pouco sobre este Espírito anunciado por Jesus que acende a fé da e na Igreja.

“Jesus Cristo ao comunicar seu Espírito, fez de seus irmãos, chamados de todos os povos misticamente os componentes de seu próprio Corpo”<sup>86</sup>.

Antes da sua Páscoa, Jesus anuncia o envio de um “outro Paráclito” (Defensor), o Espírito Santo. Em ação desde a criação, depois de ter “falado pelos profetas”, ele estará agora junto aos discípulos e neles, a fim de ensiná-los e conduzi-los “à verdade inteira” (Jo 16,13).<sup>87</sup>

O Espírito Santo é enviado aos apóstolos e à Igreja, tanto pelo Pai, em nome do Filho, como pelo Filho em pessoa, depois que este tiver voltado para junto do Pai. O envio da pessoa do Espírito após a glorificação de Jesus revela em plenitude o mistério da Santíssima Trindade.<sup>88</sup>

Não professamos três deuses, mas um só Deus em três pessoas: a Trindade consubstancial”. As pessoas divinas não dividem entre si a única divindade, mas cada uma delas é Deus por inteiro: “ o Pai é aquilo que é o Filho, o Filho é aquilo que é o Pai, o Espírito Santo é aquilo que são o Pai e o Filho, isto é, um só Deus quanto à natureza. Cada uma das três pessoas é esta realidade, isto é, a substância, a essência ou a natureza divina<sup>89</sup>.

Pai, Filho e Espírito são distintos entre si: é o Pai que gera o Filho que é gerado, o Espírito Santo que procede de ambos. Mas tudo é uno neles, lá onde não se encontra oposição de relação<sup>90</sup>.

Inseparáveis naquilo que são, as pessoas divinas são também inseparáveis naquilo que fazem. Mas na única operação divina cada uma delas manifesta o que

---

<sup>86</sup> Cf LG 7.12.

<sup>87</sup> Cf CEC 243.

<sup>88</sup> Cf CEC 244.

<sup>89</sup> CEC 253.

<sup>90</sup> Cf CEC 255

Ihe é próprio na Trindade, sobretudo nas missões divinas da Encarnação do Filho e do Dom do Espírito Santo.

É no Espírito que tudo é criado. O Pai que gera o Filho, “espira” o Espírito Santo. O Espírito une o Pai e o Filho. O Espírito é, por conseguinte, aquele que abre o mundo de Deus ao mundo dos homens e a história humana à história trinitária, assim une a ele a criatura ao Criador, garantindo a originária e constitutiva unidade do criado com Deus. Do Amor que gera o amado ainda procede amor; amar é transcender o outro, não para amá-lo menos, para amá-lo mais. Assim é que o amor do Pai, fonte do Amado, o Filho, é também fonte do terceiro amor, o Espírito. É o amor unificante e recíproco do Amante e do Amado, e o Espírito aparece como o vínculo pessoal de sua comunhão recíproca, da reconciliação e da paz.

Na vida trinitária o Espírito é também aquele que abre o amor na liberdade. No Espírito a criatura em toda a profundidade do seu ser unida ao Criador, mas também em toda dignidade do seu ser próprio e, portanto, na criatura que abraça todo o criado, o homem, na possibilidade de aceitar ou recusar o amor.<sup>91</sup>

---

<sup>91</sup> FORTE, Bruno. A Trindade como História. Paulinas. São Paulo, 1996, p. 83.

#### 4 - CONCLUSÃO

Em toda caminhada de minha vida na Igreja sempre me deparei com dúvidas a cerca dos sacramentos e percebi que isso impregnava não só a mim, mas a Igreja como um todo. Eram dúvidas do tipo simples até dúvidas complexas que englobava o sentido de cada sacramento e a profundidade que a Igreja trazia quando se falava neles. De maneira especial alguns eram chamados de Sacramentos de Iniciação e logo perguntava o porquê eram tão importantes para o início de uma vida ligada a Deus que iria percorrer por toda uma vida. Comecei a perceber em meus colegas de pastoral na paróquia a tamanha dificuldade em entender o sentido profundo dos sacramentos e mesmo participando de reuniões de formação e de cursos, nunca compreendia quando se falava que pela Graça de Deus éramos presenteados por eles.

A dificuldade aumentava quando se falava que a Igreja é o lugar dos sacramentos e que sem eles não formávamos comunidade. Ficava pensando nos irmãos protestantes, evangélicos e as “peças” não se encaixavam, pois, não conhecia significados e nem entendia por inteiro os conceitos de Graça, sem contar que o que entendia sobre Igreja teria sentido mais profundo, maior do que o templo a qual eu frequentava. Igreja para mim nunca foi concebida como uma totalidade eclesiológica. Todo aquele que acredita em Cristo e pratica aquilo que ele ensinou torna-se membro da igreja. Entender os sacramentos como um dos inúmeros sinais da Graça é afirmar também que a Graça de Deus perpassa pelos sacramentos, mas não se restringe a eles. Aplicar o conceito de Graça nos Sacramentos de iniciação representa apenas uma parte da profundidade apresentada pelo Tratado da Graça nos estudos teológicos. Se tudo é visto como sacramento a partir de Deus, até o sentido de sacramento pode ser maior do que aquilo que conhecíamos.

A própria Igreja pode ser sacramento. Sendo assim o conceito abrange ainda mais. Para o ser humano a salvação está ligada à Graça, se não for a própria Graça e como doação essa Graça pode ser representada como os sacramentos iniciais sendo que eles nos adentram na Graça de Deus presente também na Igreja. É como um dos variados caminhos para se chegar à Graça. Os sacramentos são mais do que sabemos. Neles age o próprio Cristo que é a plenitude da Revelação. O Batismo visto anteriormente apenas a partir do rito e dos símbolos como água, vela, veste branca, óleo, representa a entrada da comunidade de Jesus e na Graça do batismo

de Cristo expressa também a graça do nosso batismo. A Eucaristia também enxergada e entendida como a missa e mais nada não desvalorizando o sentido da Missa, mas também nos surpreende sendo raiz e centro de nossa vida cristã. Ela é, para nós que tememos a morte sinal da esperança de vida eterna. Encerrando, aquilo que chamamos em nossas paróquias de Crisma, o Sacramento da Confirmação é o sacramento do Espírito e como faz bem entender tão mais a fundo sobre o Espírito em nós. Em relação com Graça e Igreja o Espírito unifica. A Igreja depende dele para ser uma.

Através deste trabalho muitos poderão entender melhor o sentido de sacramentos e sua relação conosco e com a Igreja de Cristo da qual todos participamos. Em suma, o povo precisa de catequese. Quanto mais entendemos nossa fé e sabemos explicá-la aos outros, mais sentiremos segurança de sermos cristãos. Ninguém ama de fato aquilo que não conhece de verdade.

## 5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUER J. ; RATZINGER J. **Curso de teologia dogmática, sacramento-eucaristia.** Tomo VI. Barcelona: Herder, 1975.

**BÍBLIA DE JERUSALÉM.** São Paulo: Paulus 3ª impressão. 2004.

BOFF, L. **A graça libertadora do mundo.** Petrópolis, 1977.

BOFF, L. **Vida para além da morte.** São Paulo: Vozes, 1991.

BOFF, L. **Mínima sacramentalia: os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos.** 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

BORÓBIO, D (org). **A celebração na igreja: liturgia e sacramentologia fundamental.** vol 1. São Paulo: Loyola, 1990.

BROSHUIS, I. **Sinal do reino.** Petrópolis: Vozes, 1995.

CNBB, **Eucaristia, vida que se celebra: para viver melhor o mistério da eucaristia na vida.** São Paulo, Paulinas, 2000.

CNBB. **Orientações para a catequese da crisma: estudos da CNBB n-61,** São Paulo: Paulinas, 1989.

COMBLIN, J. **A Igreja e sua missão no mundo.** Tomo III. São Paulo: Paulinas, 1985.

DURRWEL, F.X. **O Pai Deus em seu mistério;** 1 ed. São Paulo: Paulinas, 1990.

FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. **Teologia sistemática, perspectivas católico-romanas,** vol 2. São Paulo: Paulus, 1997.

FORTE, B. **Introdução aos sacramentos.** São Paulo: Paulus, 1996.

FORTE, B. **A Trindade como história.** São Paulo: Paulinas.

FORTE, B. **Maria, a mulher ícone do mistério,** São Paulo: Paulinas, 1991.

GIRAUDO, C. **Redescobrimo a eucaristia.** São Paulo: Loyola, 2002.

HORTAL, J. **Os Sacramentos da igreja na sua dimensão canônico - pastoral,** Loyola. 1987.

KEHL, M. **A igreja – uma eclesiologia católica.** São Paulo: Loyola. 1997.

KERSTIENS, F. **Vinho novo em odres velhos: sacramentos da libertação.** Petrópolis: Vozes, 1984.



- LATOURELLE, R. **Teologia da revelação**. São Paulo: Paulinas, 1969
- LIBÂNIO, J. P. **Deus e os homens: os seus caminhos**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- MARSILI, S. **Sacramentos: in nuevo diccionario de Liturgia**. Madrid: Paulinas, 1987.
- MIRANDA, M.F. **A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça**. São Paulo: Loyola, 2004.
- MONDIN, B. **O Humanismo filosófico de Tomás de Aquino**, Bauru: EDUSC, 1998.
- MORACHO, F. **Na escola da fé**, São Paulo: Paulinas, 1983.
- PAULO II, J. **Carta encíclica ecclesia de eucharistia, sobre a eucaristia na sua relação com a igreja**. São Paulo: Paulus, 2003.
- QUEIRUGA, A. T. **A revelação de Deus na realização humana**. São Paulo: Paulus, 1995.
- RAHNER, K. **O Homem e a graça**. São Paulo: Paulinas, 1970.
- ROCCHETTA, C. **Os sacramentos da fé**. São Paulo: Paulinas, 1991.
- ROSATO, P. J. **Introdução à teologia dos sacramentos**, São Paulo: Loyola, 1999.
- SANTO AGOSTINHO, **Sermões** (157,3).
- SCHILLEBEECKX, E. **Cristo sacramento do encontro com deus**. Petrópolis: Vozes, 1968.
- SCHMAUS, M. **A fé da Igreja**. vol 6. Petrópolis: Vozes, 1977.
- SHULTE, R. **Os Sacramentos individuais-racemos do sacramento raiz: in mysterium salutis**. IV/4, Petrópolis: Vozes, 1977.
- TABORDA, F. **Sacramento, práxis, festa: para uma teologia latino-americana dos sacramentos**. Petrópolis: Vozes, 1987.